

Conservas de Peixe

REVISTA MENSAL



ETP

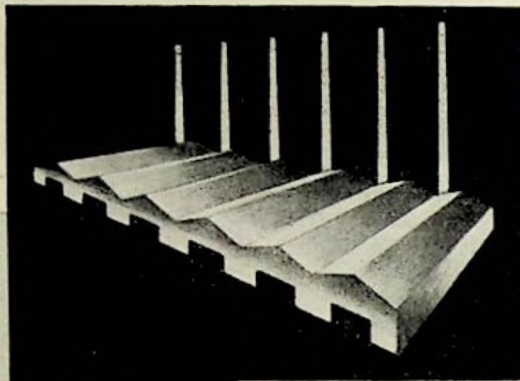
ANO VI
1951

N.º 62
MAIO

algarve exportador l.^{da}

MAISON FONDEE EN 1920

CONSERVES DE POISSONS + ARMATEURS DE PECHE



SIEGE
A
LISBONNE



PRINCIPALES MARQUES

NICE

NICETTE
CINE
FLORA
CORAL
TRIADE



CONSERVES DE: SARDINES * FILETS DE MAQUEREAUX * THON * ANCHOIS * DIVERS POISSONS

GRANDES USINES DU NORD AU SUD DU PORTUGAL



VICTOR M. CALDERÓN Co.

ENDEREÇO TELEGRÁFICO
DE LABARCA

FUNDADA EM
1923

CASA CENTRAL
99, HUDSON STREET
NEW YORK 13, N. Y.

SUCURSAIS
CHICAGO, ILL.

SAN FRANCISCO, CAL

Marcas Registradas:
PALACIO DE ORIENTE, ALBATROS,
ANTONIO ALONSO, HIJOS, LA CORRIDA,
LION D' ARGENT



CONSERVAS ANTONIO ALONSO, LIMITADA

SETÚBAL (PORTUGAL)

TELEFONE 2.057
TELEGRAMAS SANTONIO
APARTADO 62

FABRICA em SETÚBAL --- FABRICAS em ESPANHA

TELEPHONES
MANSION HOUSE 2205-6-7
TELEGRAMS
AFFABLE LONDON

H & T. Walker Ltd

FUNDADA EM 1876

37, EASTCHEAP
LONDON, E. C. 3

▲

IMPORTAÇÃO:

Conservas de sardinhas e outros peixes
Conservas de frutos e legumes
Frutos secos e todos os diferentes produtos alimentícios

▼

EXPORTAÇÃO:

Todas as espécies de produtos Britânicos
Matérias primas e máquinas para fábricas

RICHARD D. DUDLEY & CO. LIMITED

IMPORTADORES E AGENTES

TELEFONE:
MANSION HOUSE 6221-2

41, EASTCHEAP
LONDON, E. C. 3.

TELEGRAMAS:
GOODWILL, LONDON

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES DIRECTOS AOS ARMAZENISTAS
EM TODA A INGLATERRA

ESPECIALIDADES

CONSERVAS DE SARDINHA E OUTROS PEIXES

●
CONSERVAS DE FRUTOS E LEGUMES

●
AZEITE DE OLIVEIRA

●
FRUTOS SECOS — ALFARROBA — PIMENTÃO

●
VINHO DO PORTO — BRANDY



LA ROSE

CONSERVAS DE PEIXE

SARDINHAS — ATUM — FILETES DE
CAVALA — FILETES DE ANCHOVAS

FEU HERMANOS

RESP. LIM.

PORTIMÃO — ALGARVE

Companhia União Fabril

Lisboa - Rua do Comércio, 49

Porto - Rua Sá da Bandeira, 82

ÓLEO
DE

MENDOBI



AZEITE
EXTRA E

REFINADO

PREFERIDOS PELOS BONS FABRICANTES DE CONSERVAS

FÁBRICA NO BARREIRO

DEPÓSITOS NOS CENTROS CONSERVEIROS DE :

LAGOS - PORTIMÃO - OLHÃO - SETÚBAL - LISBOA - MATOSINHOS

Harder & de Voss

desde 1882

«A CASA MAIS ACTIVA»

Importação de Conservas de Peixe

————— SARDINHAS
 ————— ANCHOVAS

ALEMANHA

Hamburgo—Alstertor 14/16

End. Teleg.: HOMEROS

BIEN TRADING COMPANY, INC.

105 HUDSON STREET

End. Telegráfico: BIENCODAR

NEW YORK, N. Y.

*Importadores e distribuidores em todos os Estados
 Unidos dos mais finos produtos alimentares*

ANCHOVAS — ATUM — SARDINHAS
 — GÊNEROS ALIMENTÍCIOS

MARIE ELISABETH

A MARCA AFAMADA DAS CONSERVAS
 DE SARDINHAS PORTUGUESAS

EM AZEITE E TOMATE

COM ESPINHA

SEM ESPINHA

SEM PELE E SEM ESPINHA

E DE FILETES DE ANCHOVAS

QUALIDADE EXCELENTE

JÚDICE FIALHO & C.^A
FARO

ANO VI
N.º 62



Conservas de Peixe

MAIO
1951

REVISTA MENSAL

Director: JOSÉ ANTÓNIO FERREIRA BARBOSA

Editor e Proprietário: J. AGOSTINHO FERNANDES

Composição e impressão: SOCIEDADE ASTÓRIA, LDA.—Regueirão dos Anjos, 68—LISBOA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Av. Marquês de Tomar, 14-3.º-Tel. 53138-LISBOA

Sumário

A crise das Matérias Primas; Produção e Exportação; Conservas de Peixe em Cabo Verde; Production and Exportation; A pesca de Escombridos; O Plankton Marinho—sua composição e interesse; José Severo Ramos; Mercados; Soluções; Pedidos de Representação; Relatórios; Matérias Primas; O Mundo da Pesca e da Conserva; Pesca da Sardinha

A CRISE DAS MATÉRIAS PRIMAS

O problema do abastecimento das matérias primas e a sua distribuição está hoje no primeiro plano das preocupações dos governantes.

A corrida aos armamentos, acelerada nos Estados Unidos e moderada nas Nações ocidentais, trouxe a acumulação de enormes reservas de matérias primas de interesse estratégico.

Deste facto, resultaram a rarefação e a subida desmedida dos preços de muitos produtos base que são indispensáveis para a produção de bens civis.

Está neste caso o estanho de que os Estados Unidos são regularmente importadores e que depois da guerra na Coreia atingiu cotações tão elevadas que a comissão de vigilância dos preparativos de defesa do Senado chegou mesmo a acusar os produtores de estanho, que são geralmente ingleses e holandeses, de «escroqueirias» para com os contribuintes americanos, por forçarem o seu governo a comprar esta matéria prima a preços de especulação. Os Estados Unidos suspenderam imediatamente as suas compras, depois desta declaração, e criaram um organismo único importador deste metal cujo preço logo acusou forte descida.

Nós sentimos, em Portugal, os efeitos desta evolução, primeiro com a subida do preço do estanho, que era de 50 escudos antes da guerra, para 150 escudos e depois com a sua descida para os 90 escudos actuais.

Em virtude desta situação do estanho a produção da folha de Flandres tornou-se difícil e precária e a sua exportação na América ficou praticamente interdita. Consequentemente a nossa indústria de conservas viu-se repentinamente privada do abastecimento de uma matéria prima indispensável para a sua laboração.

Dois anos de crise de produção de conservas por falta de pesca tinham feito suspender as importações de folha, limitando-se os industriais, durante este período, a consumirem as existências que possuíam, sem as renovar. A situação era, portanto, grave para muitos deles que estavam ameaçados de ter que fechar as suas fábricas por falta da lata vazia. Valeu-lhes neste transe difícil o I. P. C. P. que providencialmente, à custa de pesados encargos, tinha mantido uma reserva abundante de folha que assegurou a laboração da indústria durante a safra passada em que, também, graças à Providência, a sardinha voltou às nossas costas e a produção de conservas foi quase normal.

Desde o mês de Julho do ano passado que o I. P. C. P. diligência, com a colaboração persistente e activa das nossas entidades oficiais, obter dos Estados Unidos a folha que a indústria precisa para a sua actividade conserveira. O Ministério da Economia em estreita ligação com a nossa Embaixada em Washington, tem empregado todos os esforços junto das autoridades americanas para

que seja dado a Portugal um contingente desta matéria prima em quantidade razoável e a tempo de poder ser utilizado no início da actual safra. O governo americano deu-se já de que a grave crise internacional que a escassez de matérias primas estava criando, ameaçava fazer ruir as economias debilitadas das Nações ocidentais. E em fins de Março último instituiu um contingente de 110 mil toneladas de folha para ser distribuído por 25 países, entre os quais Portugal, cabendo a cada um uma quota uniforme de 4.400 toneladas.

Se a boa vontade do governo americano é incontestável, a ponto de, ao que consta, ter recomendado aos exportadores que utilizassem as suas licenças em primeiro lugar para as encomendas de Portugal, o mesmo se não poderá dizer quanto a algumas das fábricas.

Os contingentes relativos ao segundo e terceiro trimestre deste ano, num total de 8.800 toneladas, só foram preenchidos, até agora, em pouco mais de um terço, o que faz supor haver uma certa resistência dos produtores ao sistema que, aliás, deu boas provas quando aplicado logo após a última guerra. As nossas entidades oficiais já verificaram que, de facto, o sistema não está a ser eficiente e teriam chamado para o caso a atenção das autoridades americanas responsáveis. Estas, de quem também as fábricas dependem para o abastecimento do estanho necessário para a sua produção de folha, vão certamente tomar as providências imediatas e eficazes para que nos seja fornecida a totalidade da folha que nos atribuíram. Compreendemos que a transição brusca de uma economia de paz para outra de guerra, traz, de começo, grandes confusões e deficiências que vão gradualmente desaparecendo à medida que as novas condições se vão normalizando. Estamos precisamente neste momento a sofrer os inconvenientes desse período de adaptação. É, porém, nossa convicção, como também, aliás, afirmam os meios responsáveis, que antes do fim do ano a cadência e o volume dos fornecimentos de folha pela América do Norte aumentarão na rapidez e nas quantidades desejadas.

O desenvolvimento da produção dos géneros alimentícios está no primeiro plano das necessidades que os governantes americanos consideram essencial satisfazer para se conseguir a estabilidade económica das Nações ocidentais. O presidente Truman fez há pouco tempo esta mesma afirmação. É portanto lógico esperar da compreensão dos governantes americanos que nos forneçam até ao fim deste ano as 170 mil caixas de folha que lhes pedimos como sendo as necessárias para a nossa produção normal de conservas durante um ano, e que são uma verdadeira gota de água no mare magnum da produção de folha norteamericana calculada anualmente em cerca de 43 milhões de caixas.

Uma outra consequência da escassez do estanho nos Estados Unidos foi o grande incremento dado à produção da folha electrolítica em substituição da folha estanhada por imersão a quente (hot dipped).

A fim de poupar o estanho indispensável para a defesa do país, a National Production Authority estabele-

leceu pela sua Ordem M-25 de 23 de Fevereiro último as percentagens de 0,25 a 0,50 lbs. de estanho para cada caixa base de folha electrolítica utilizada nas conservas de vários peixes incluindo sardinhas, atum e cavala, em azeite e salmoura.

A percentagem de estanho para a folha «Primz Coke» era de 1,25 lbs. por cada caixa base. Aquelas percentagens só foram fixadas oficialmente depois de um estudo consciencioso dos técnicos, entre os quais se encontram os da Continental Can Co., a maior organização americana de fabricação de lata vazia. É de recomendar, contudo, que a interior das latas empregadas nas conservas de peixe sejam envernizadas.

Como se vê, não são pequenas as dificuldades por que a indústria de conservas está passando.

Truman declarou ultimamente que a actual situação de crise ainda se manteria dois ou três anos, durante os quais a crescente produção militar provocaria a falta de artigos civis.

Dentro deste período ou para além dele, não se sabe o que ainda poderá surgir.

Somos uma geração sacrificada numa época das mais trágicas do mundo, sofrendo inclemências morais e materiais que superam a resistência humana. Só nos resta suportar com paciência e resignação todos os males e dificuldades da hora presente e desejar, com fervor e fé, que nada de pior nos venha ainda a suceder.

When you are looking for quality buy

GABRIEL



SARDINES in
olive oil

Plain
Boneless
Boneless & Skinless

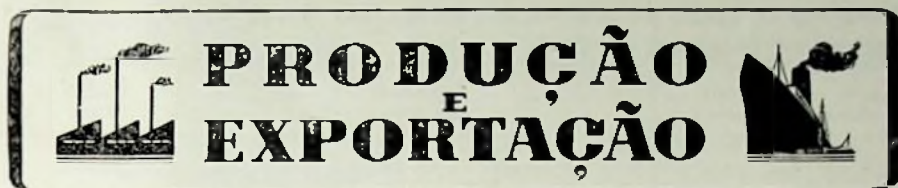
FILETS OF ANCHOVIES

in jars - in tins



RAMIREZ & C., LDA.
LISBON (Portugal)

Victor M. Calderon Co. Inc.
99, Hudson Street - NEW YORK



Situação nos meses de Março e Abril

Azeites ou mólhos

A produção total de conservas de peixe em azeites ou mólhos, nos meses de Março e Abril, foi de 336.386 quilos, distribuídos pelas seguintes espécies: atum, 27.471 quilos; filetes de anchovas, 281.419 quilos e outras espécies, 27.496 quilos.

O Centro de maior produção durante estes dois meses, foi Olhão, com 138.617 quilos; seguem-se-lhe V. R. de Santo António, com 64.109 quilos e Portimão, com 52.720 quilos.

Em relação às espécies, Setúbal foi o Centro que produziu mais atum (6.599 quilos) e mais outras espécies (9.928 quilos) e Olhão, mais filetes de anchovas (126.824 quilos).

Salmoura

O total da produção de conservas em salmoura durante este período foi de 176.250 quilos, nas seguintes espécies: sardinha, 18.715 quilos; biqueirão, 208.971 quilos e cavala, 3.000 quilos.

Os centros produtores e as respectivas quantidades fabricadas, foram os seguintes: Matosinhos, 75 quilos de sardinha e 6.640 quilos de biqueirão; Setúbal, 49 quilos de biqueirão; Lagos, 15.000 quilos de biqueirão; Portimão, 9.420 quilos de biqueirão; Olhão, 950 quilos de sardinha e 43.968 quilos de biqueirão e V. R. de Santo António, 17.750 quilos de sardinha, 133.894 quilos de biqueirão e 3.000 quilos de cavala.

EXPORTAÇÃO Por Centros

Azeites ou mólhos

A exportação total de conservas em azeite ou mólhos, nos meses de Março e Abril, foi de 7.965.198 quilos (452.949 caixas) no valor de 153.610.555\$50, distribuídos pelas seguintes espécies: sardinha, 7.044.078 quilos (379.861 caixas) no valor de 130.022.745\$80; carapau, 146.154 quilos (8.014 caixas) no valor de 1.771.627\$40; cavala, 188.338 quilos (9.525 caixas) no valor de 3.337.165\$60; atum e similares, 284.420 quilos (8.935 caixas) no valor de 7.252.710\$00; filetes de anchova, 272.359 quilos (44.662 caixas) no valor de 6.337.661\$40; lulas e chocos, 21.252 quilos (1.132 caixas) no valor de 410.249\$10 e outras espécies, 8.597 quilos (820 caixas) no valor de 216.869\$00.

O Centro que mais exportou durante estes dois meses de Março e Abril, foi Matosinhos com 3.468.991 quilos. Em segundo lugar nesta exportação está Portimão com 1.371.733 quilos e em terceiro lugar, Setúbal, com 1.320.042 quilos.

Salmoura

A exportação de salmouras durante Março e Abril foi de 466.673 quilos, no valor de 2.820.580\$50, compreendendo as seguintes espécies: sardinha, 408.526 quilos; cavala, 17.759 quilos; atum, 1.208 quilos; biqueirão, 32.983 quilos e outras espécies, 6.197 quilos.

Congelados

O total da exportação de congelados nestes meses, foi de 30.903 quilos no valor de 420.932\$40 e nas se-

guintes espécies: sardinha, 20.360 quilos; enguia, 820 quilos; carapau, 3.115 quilos; linguado, 310 quilos; pescada, 378 quilos; pescadinha, 685 quilos; polvo, 2.185 quilos; lulas e chocos, 1.130 quilos; lagosta, 1.465 quilos e diversos, 455 quilos.

O principal comprador foi Moçambique com 21.460 quilos.

Por Países

Azeites ou mólhos

Os três principais países importadores, em Março e Abril, de conservas em azeite ou mólhos, foram: Inglaterra, com 5.262.264 quilos, França, com 1.002.573 quilos e Itália, com 765.730 quilos.

Em relação às espécies, a Inglaterra foi o maior comprador de sardinha (3.420.048 quilos); a África Ocidental Britânica, de carapau (73.212 quilos); a Bélgica, de cavala (123.835 quilos); a Itália, de atum e similares (252.272 quilos); os E. U. A., de filetes de anchovas (255.780 quilos); os territórios dos E. U. A. na América Central, de lulas e chocos (7.863 quilos) e Angola, de outras espécies (4.119 quilos).

Salmoura

O principal país importador de conserva em salmoura nestes dois meses foi a Itália, com um total de 375.505 quilos.

Conservas de peixe em Cabo Verde

A Sociedade Industrial de Conservas de Peixe, Lda. (Peixel), estabelecida na ilha de S. Nicolau, de que são sócios os senhores Eloy Neves, Jayme Martins Neves e José Joaquim Alves, Júnior, acaba de construir as suas instalações fabris no porto do Carriçal da mesma ilha.

Com mais este estabelecimento fabril da iniciativa do sócio fundador da Empresa, senhor Eloy Neves, fica a economia da ilha favorecida.

Produção, por centros, de conservas de azeite ou mólhos, em quilos, em Março de 1951
March Canned Fish Pack (in kilos)

	Sardinha <i>Sardine</i>	Carapau <i>Chincharid</i>	Cavala <i>Mackerel</i>	Atum e similares <i>Tuna</i>	Anchovas <i>Anchovies</i>	Outras Espécies <i>Other species</i>	Totais <i>Total</i>
Matosinhos	-	-	-	-	12.452	2.184	14.636
Peniche	-	-	-	-	-	-	-
Lisboa	-	-	-	2.590	2.615	1.931	7.136
Setúbal	-	-	-	2.907	9.148	6.672	18.727
Lagos	-	-	-	-	564	-	564
Portimão	-	-	-	-	24.825	-	24.825
Olhão	-	-	-	-	61.402	864	62.266
V. R. de Santo António ...	-	-	-	150	31.645	1.313	33.108
Caixas	-	-	-	5.647	142.649	12.964	161.260
Quilos	-	-	-	294	15.296	758	16.348

Exportação, por centros, de conservas de azeite ou mólhos, e quilos, no mês de Março de 1951
March Canned Fish Export (By Centers)

	Sardinha <i>Sardine</i>	Carapau <i>Chincharid</i>	Cavala <i>Mackerel</i>	Atum e Similares <i>Tuna</i>	Anchovas <i>Anchoives</i>	Lulas e Chocos <i>Cuttle Fish and Squids</i>	Outras especies <i>Other species</i>	Totais	
								Caixas <i>Cases</i>	Quilos <i>Kilos</i>
Açores	-	1.653	-	315	-	-	-	117	1.968
Matosinhos	2.464.958	30.024	9.348	1.825	15.523	126	1.851	138.270	2.523.655
Lisboa	128.015	1.140	5.833	17.721	9.988	586	1.619	9.424	164.902
Setúbal	327.934	43.143	32.530	532	6.831	11.167	-	23.419	422.157
Lagos	59.178	-	950	-	47	-	-	3.547	60.175
Portimão	691.351	-	7.299	858	37.880	-	-	41.570	737.388
Olhão	320.517	16.507	19.193	52.457	64.217	-	418	33.614	473.309
V. R. Santo António.	125.153	-	31.725	70.019	33.177	-	-	14.205	260.074
	4.117.106	92.467	106.878	143.727	167.663	11.879	3.888	264.166	4.643.608

Sociedade **ASTÓRIA** Limitada

ARTES GRÁFICAS

REGUEIRÃO DOS ANJOS, 68—TELEF. 43258 LISBOA

Production and Exportation

Situation during the months of March and April

PRODUCTION

Oil or sauce

The total production of preserved fish in oil or sauce during the months of March and April was of 336.386 kilos, distributed for the following kinds: Tunny, 27.471 kilos; Filets of Anchovies, 231.419 kilos and other kinds, 27.496 kilos. The largest packing center during these two months was Olhão, with 138.617 kilos; it is followed by V. R. de Santo Antonio with 64.109 kilos and by Portimão with 52.729 kilos.

As regards kinds, Setubal was the largest packing center for Tunny (6.599 kilos) and other kinds (9.928 kilos) followed by Olhão for filets of Anchovies (126.824 kilos).

Brine

The total production of preserves in Brine during this period was of 176.250 kilos for the following

kinds: Sardines, 18.715 kilos; Biqueirão, 208.971 kilos and Mackerel, 3.000 kilos. The packing centers and respective packed quantities were the following: Matosinhos, 75 kilos of Sardines and 6.640 kilos of Biqueirão; Setubal, 49 kilos of Biqueirão; Lagos, 15.000 kilos of Biqueirão; Portimão, 9.420 kilos of Biqueirão; Olhão, 50 kilos of Sardines and 43.968 kilos of Biqueirão and V. R. de Santo António, 17.750 kilos of Sardines, 133.894 kilos of Biqueirão and 3.000 kilos of Mackerel.

EXPORT

BY CENTERS

Oil or sauce

The total production of preserves in oil or sauce during the months of March and April was of 7.965.198 kilos (452.949 cases) amounting to 153.610.555\$50 distributed for the following kinds: Sardines, 7.044.078 kilos (379.861 cases) amounting to 130.022.745\$80; Chinchards, 146.154 kilos (8.014 cases) amounting to 1.771.627\$40; Mackerel, 188.338 kilos (9.525 cases) amounting to 3.337.165\$60; Tunny and the like, 284.420 kilos (8.935 cases) amounting to 7.252.710\$00; Filets of Anchovies, 272.359 kilos (44.662 cases) amounting to 6.337.661\$40; Calamaries and Cuttlefish, 21.252 kilos (1.132 cases) amounting to 410.349\$10 and other kinds, 8.597 kilos (820 cases) amounting to 216.869\$00.

The leading exporting center during the two months of March and April was Matosinhos with 3.468.991 kilos. Portimão is in second place in this export with 1.371.733 kilos and in third is Setubal with 1.320.042 kilos.

Brine

The export of Brine during March and April was of 466.673 kilos amounting to 2.820.580\$50, embracing the following kinds: Sardines, 408.526 kilos; Mackerel, 17.759 kilos; Biqueirão, 32.983 kilos and other kinds 6.197 kilos.

Frozen

The total export of Frozen in these months was of 30.903 kilos amounting to 420.932\$40 for the following kinds: Sardines, 20.360 kilos; Eels, 320 kilos; Chinchards, 3.115 kilos; Sole, 310 kilos; Whiting, 378 kilos; Little whiting, 685 kilos; Poulp, 2.185 kilos; Calamaries and Cuttlefish, 1.130 kilos; Lobster, 1.465 kilos and other kinds, 455 kilos.

The main buying country was Mozambique with 21.460 kilos.

BY COUNTRIES

Oil or sauce

The three leading importing countries in March and April of preserves in oil or sauce were: England with 5.262.264 kilos; France with 1.002.573 kilos and Italy with 765.730 kilos.

As regards kinds, England was the largest buyer of Sardines (3.420.048 kilos); British West Africa, of Chinchards (73.212 kilos); Belgium of Mackerel, (123.835 kilos); Italy of Tunny and the like (252.272 kilos); U. S. A. of Filets of Anchovies (255.780 kilos); U. S. Territory in Central America of Calamaries and Cuttlefish (7.862 kilos) and Angola of other kinds (4.119 kilos).

Brine

The main importing country of preserves in Brine during these two months was Italy with a total of 375.505 kilos.

Serrão de Faria & C.^a

Import — Export

Rua Nova do Almada, 36-7.º. Telefone 21092

Telegramas: DEFARIA — LISBOA

★

Ses vieilles marques:

LES GLORIEUSES — LE SOURIRE —
BRISE MARINE — BELVEDER — FAN-
DANGO — TURANDOT — ELLINOR
— STADIUM — YVONNE.

Exportação de conservas de peixe em azeite ou em molhos, em quilos, por países de consumo, em Março de 1951
March Canned Fish Export (by Countries)

	Sardinha <i>Sardine</i>	Carapau <i>Chinchorr</i>	Cavala <i>Mackerel</i>	Atum e Similares <i>Tuna</i>	Anchovas <i>Anchovies</i>	Lulas e Chocos <i>Cuttle Fish and Squids</i>	Outras espécies <i>Other species</i>	Totais <i>Total</i>
África Merid. Brit. .	1.832	-	-	-	-	-	-	1.832
África Ocid. Brit. ...	121.990	48.517	3.154	380	38	-	-	174.079
África Orient. Brit....	55.909	5.700	-	-	-	-	-	61.609
África Oc. Francesa	1.900	-	-	-	80	-	-	1.980
Alemanha	374.398	-	-	-	1.140	-	-	375.538
Angola	29.437	909	-	961	234	66	1.094	33.601
Arábia	7.275	-	-	-	-	-	-	7.275
Austrália	13.215	-	-	-	-	-	-	13.215
Áustria	16.017	-	-	-	-	-	-	16.017
Bélgica	258.626	-	65.530	8.958	785	-	-	333.879
Brasil	15.219	-	-	798	6.201	-	827	23.045
Cabo Verde	76	-	-	-	-	-	-	76
Canadá	-	-	-	-	4.275	-	-	4.275
Congo Belga	17.114	25.365	-	300	642	-	-	43.421
Chipre	3.800	-	-	-	247	-	-	4.047
Col. Brit. das Amé- ricas Central e Sul	1.850	-	-	-	-	-	-	1.850
Colômbia	1.719	-	-	215	47	-	-	1.981
Cuba	57.994	-	-	-	145	833	-	58.970
Curaçao	38	-	-	-	-	-	-	38
Dinamarca	1.900	-	-	-	-	-	-	1.900
Egipto	9.785	5.460	-	-	618	-	-	15.863
E. U. da América ... ^(a)	165.991	1.653	3.800	-	144.192	1.850	-	317.486
Filipinas	8.814	-	-	-	-	-	-	8.814
França	698.324	-	-	190	-	-	-	698.514
Grécia	14.440	-	-	-	-	-	-	14.440
Guiné	228	-	-	30	-	-	33	291
Holanda	1.938	-	-	-	-	-	-	1.938
Índia Portuguesa ...	57	-	-	-	-	-	19	76
Inglaterra	1.780.583	-	-	-	-	-	-	1.780.583
Itália	210.896	-	21.765	130.093	-	-	-	362.754
Libéria	570	-	-	-	50	-	-	620
Maláia Brit.	11.400	-	-	-	-	-	-	11.400
México	51.912	-	-	-	18	-	-	51.930
Moçambique	17.915	1.291	133	1.240	807	183	1.015	22.584
Panamá	1.600	-	-	-	-	-	-	1.600
Perú	2.601	-	-	-	1.045	1.084	-	4.730
S. Tomé e Príncipe	538	380	-	282	9	-	-	1.209
Sudão Anglo Egípcio	1.400	-	-	-	-	-	-	1.400
Síria	11.647	3.192	-	-	-	-	-	14.839
Suécia	40.707	-	-	-	1.192	-	-	41.899
Suíça	90.866	-	12.420	-	5.759	-	-	109.045
Tanganica	380	-	-	-	-	-	-	380
Territ. E. U. A. na América Central	12.250	-	-	-	-	7.863	-	20.113
União Sul Afric.	437	-	-	-	95	-	-	532
Forn. à Naveg.	1.518	-	76	300	46	-	-	1.940
Quilos	4.117.106	92.467	106.878	143.727	167.663	11.879	3.888	4.643.608
<i>Kilos</i>								
Caixas	223.663	5.108	5.277	4.789	24.096	638	595	264.166
<i>Cases</i>								
Valores								
<i>Values</i>								

(a) SARDINHA — normal (plana): 79.453 quilos — s/espinha (boneless): 10.584 quilos — s/pete e sem espinha (skinless and boneless): 75.990 quilos

PREÇOS MÉDIOS, FOB, EM MARÇO (AVERAGE FOB PRICES IN MARCH): *Conservas em molhos*: (base 1/4 clube 30^{mm}); sardinha em azeite, 355\$00; sardinha em óleo, 345\$00; cavala em azeite, 350\$00; (base 1/10) filetes de anchovas, 360\$00; (base quilo); atum em azeite, 27\$00; *Salmouras*: (base quilo); sardinha, 7\$00; cavala, 8\$00; *Congelados*: (base quilo); sardinha, 13\$00; polvo, 12\$00; lulas e chocos, 13\$00,

Produção, por centros, de conservas de azeite e mólhos, em quilos e caixas, em Abril de 1951

April Canned Fish Pack (in kilos)

	Sardinha <i>Sardine</i>	Carapau <i>Chinchará</i>	Cavala <i>Mackerel</i>	Atum e similares <i>Tuna</i>	Anchovas <i>Anchovies</i>	Outras espécies <i>Other species</i>	TOTAIS <i>Total</i>
Matosinhos	-	-	-	119	10.859	8.224	19.202
Peniche	-	-	-	2.812	-	-	2.812
Lisboa	-	-	-	-	360	630	990
Setúbal	-	-	-	3.692	7.484	3.256	14.432
Lagos	-	-	-	-	522	1.919	2.441
Portimão	-	-	-	-	27.897	-	27.897
Olhão	-	-	-	9.426	66.422	503	76.351
V. R. de Santo António	-	-	-	5.775	25.226	-	31.001
Quilos	-	-	-	21.824	138.770	14.532	175.126
Caixas	-	-	-	973	14.254	1.035	16.262

Exportação, por centros, de conservas de azeite ou mólhos, em quilos, no mês de Abril de 1951

April Canned Fish Export (by Centers)

	Sardinha <i>Sardine</i>	Carapau <i>Chinchará</i>	Cavala <i>Mackerel</i>	Atum e similares <i>Tuna</i>	Anchovas <i>Anchovies</i>	Lulas e Chocos <i>Cuttle Fish and Squid</i>	Outras espécies <i>Other species</i>	TOTAIS <i>Total</i>	
								Caixas <i>Cases</i>	Quilos <i>Kilos</i>
Matosinhos	917.774	9.228	2.969	1.558	12.629	84	1.294	52.158	945.536
Lisboa	264.363	2.293	10.399	4.745	12.962	1.852	3.415	16.701	300.029
Setúbal	827.875	26.363	13.284	11.034	13.318	6.031	-	49.560	897.905
Lagos	127.032	650	-	-	-	-	-	6.823	127.682
Portimão	591.628	-	21.714	100	20.903	-	-	38.480	634.345
Olhão	82.386	15.153	32.262	3.762	31.774	481	-	14.187	165.818
V. R. de St.º António	115.914	-	832	119.494	13.110	925	-	10.874	250.275
	2.926.972	53.687	81.400	140.693	104.696	9.373	4.709	188.783	3.321.590



Exportação de conservas de peixe em azeite ou em molhos, em quilos, por países de consumo, em Abril de 1951

April Canned Fish Export (by Countries)

	Sardinha <i>Sardine</i>	Carapau <i>Chincharid</i>	Cavala <i>Mackerel</i>	Atum e Similares <i>Tuna</i>	Anchovas <i>Anchovies</i>	Lulas e Chocos <i>Cuttle Fish and Squids</i>	Outras espécies <i>Other species</i>	Totais <i>Total</i>
África Merid. Brit.	1.292	-	-	-	-	-	-	1.292
África Ocid. Brit.	35.550	24.695	4.275	-	45	-	-	64.565
África Oient. Brit.	21.503	5.700	-	-	-	-	-	27.203
Alemanha	67.627	-	-	-	-	-	-	67.627
Angola	8.966	1.957	983	589	101	1.159	2.125	15.880
Austrália	21.223	-	-	2.778	1.331	-	-	25.332
Áustria	71.388	-	-	-	-	-	-	71.388
Bélgica	63.819	-	58.305	5.013	748	-	-	127.885
Bolívia	1.900	-	-	-	-	-	-	1.900
Brasil	3.300	-	-	-	4.054	-	-	7.354
Canadá	-	-	-	-	4.827	-	-	4.827
Ceilão	561	-	38	-	24	-	-	623
Congo Belga	18.744	7.600	38	190	911	-	-	27.483
Chipre	-	1.843	-	-	-	-	-	1.843
Col. Brit. A. C. e Sul ..	1.688	-	-	-	53	-	-	1.741
Colômbia	6.669	-	-	-	-	-	-	6.669
Cuba	4.075	-	-	186	-	1.850	-	6.111
Curaçau	1.248	-	-	209	113	-	-	1.570
Dinamarca	2.230	-	-	-	-	-	-	2.230
Egipto	13.452	-	950	-	-	-	-	14.402
Etiópia	1.900	-	-	-	-	-	-	1.900
E. U. da América	(a) 32.442	-	-	-	81.588	2.180	51	116.261
França	304.059	-	-	-	-	-	-	304.059
Guatemala	750	-	-	190	284	-	-	1.224
Guiana Hol.	950	-	-	-	-	-	-	950
Guiné	6.410	241	19	247	4	-	206	7.127
Holanda	25.764	-	-	-	-	-	-	25.764
Índia portuguesa	1.235	-	-	114	48	-	-	1.397
Inglaterra	1.639.510	-	-	-	-	-	-	1.639.510
Islândia	5.415	-	-	190	85	-	-	5.690
Itália	274.602	2.527	6.068	119.179	-	-	-	402.976
Libéria	1.900	-	-	-	-	-	-	1.900
Macau	-	-	-	46	-	-	-	46
México	105.968	-	-	6.798	5.843	4.072	1.710	124.391
Moçambique	17.978	6.274	342	419	183	112	617	25.925
Perú	570	-	-	-	-	-	-	570
S. Tomé e Príncipe	171	-	-	114	-	-	-	285
Sudão Anglo Egipto	3.325	2.850	-	-	-	-	-	6.175
Suécia	83.478	-	-	-	-	-	-	83.478
Suíça	67.108	-	9.804	-	2.721	-	-	79.633
Tanganica	950	-	-	-	-	-	-	950
Terra Nova	950	-	-	-	-	-	-	950
Timor	1.045	-	-	114	-	-	-	1.159
União Sul Africana	2.375	-	-	-	194	-	-	2.569
Venezuela	-	-	-	4.050	1.521	-	-	5.571
Fom. à Navegação	1.082	-	38	267	18	-	-	1.405
Quilos	2.926.972	55.687	81.460	140.693	104.696	9.373	4.709	3.321.590
Kilos								
Caixas	156.198	2.906	4.248	4.146	20.566	494	225	188.783
Cases								
Valores	53.856.284\$80	615.789\$90	1.498.864\$00	3.587.671\$50	4.261.127\$20	184.648\$10	117.725\$00	64.122.110\$50
Values								

(a) SARDINHA — normal (plain): 12.454 quilos — s/espinha (boneless): 150 quilos — s/pele e sem espinha (skinned and boneless): 19.638 quilos

PREÇOS MÉDIOS, FOB, EM ABRIL (AVERAGE FOB PRICES IN APRIL): *Conservas em molhos*: (base 1/4 clube 30^{mm}); sardinha em azeite, 355\$00; sardinha em óleo, 345\$00; cavala em azeite, 350\$00; (base 1/10, filetes de anchovas, 360\$00; (base quilo); atum em azeite, 26\$50; *Salmouras*: (base quilo): sardinha, 6\$50; cavala, 8\$60; *Congelados*: (base quilo): sardinha, 14\$00; polvo, 13\$50; lulas e chocos, 14\$00.

A PESCA DE ESCOMBRIDOS

por Ramón Yurrita Llorente

Num artigo publicado em Maio de 1950 um nosso distinto colaborador que tem chamado a atenção dos nossos armadores para as possibilidades da pesca dos escombridos nas costas portuguesas, referia-se a uma tentativa de estudo desta pesca feita por um armador que é ao mesmo tempo industrial de conservas, o sr. Manuel Pereira Júnior, sob a direcção de um técnico espanhol. Este técnico, o sr. Ramón Yurrita Llorente, publicou agora no «Boletim da Pesca» o relatório dessa campanha experimental que confirma os resultados animadores que se tinham previsto.

Por ser assunto de grande interesse também para a nossa indústria de conservas que teria na abundância daquela pesca mais uma matéria prima apreciável para a necessária regularidade da sua laboração, transcrevemos a seguir a introdução ao mencionado relatório.

Porque não tem Portugal uma frota de pesca do bonito?

Tirando a pesca feita pelas armadilhas algarvias pode-se afirmar que em Portugal, excepção feita aos humildes pescadores de Sesimbra, ninguém exerce regularmente a pesca de escombridos.

Na sua campanha de Outono, os pescadores de Sesimbra perseguem-nos geralmente nas águas que fazem face ao Cabo Espichel e para isso usam o isco de sardinha, pescado no dia.

Os excessivos deslocamentos diários de ida e volta ao local da acção e o elevado preço do isco fresco que o seu sistema (aliás efficientíssimo) requer, fazem com que, tirando os dias de excepcional abundância, o

processo resulte anti-económico e ocasional.

No Norte, a não ser de uma forma puramente ocasional, a frota costeira não pesca escombridos com as suas redes sardineiras, que ficam destruídas, ao alar-se alguns atuns inesperados ou quando são capturados de mistura com a sardinha.

Oferecendo toda a costa Oeste de Portugal um magnífico campo de acção para esta pesca, não se compreendia a quase absoluta passividade dos seus armadores que são as pescas indicadas para procurarem resolver os seus actuais e nada simples problemas.

Porém, a maioria das coisas tem uma razão lógica de ser e no presente caso também a há. Pelos menos a razão mais importante é que, durante muitos anos, a frota costeira portuguesa, com altos e baixos derivados de circunstâncias do momento, umas vezes regular e outras esplendidamente, foi sempre remunerando os capitais investidos no mar, apenas com o resultado dos lances das suas redes utilizadas à flor da água.

Ora como ao fim da temporada de pesca o balanço da actividade de uma traineira era positivo e por vezes mesmo muitíssimo positivo, é pois humanamente defensável que os armadores não tenham necessidade de promover outras possíveis actividades dos seus barcos.

Mas a sardinha, com geral e lamentável persistência, foi abandonando esta costa e ninguém hoje poderá afirmar, a despeito de todos o desejar-mos, se ela voltará a constituir em curto prazo a mesma fonte de riqueza de então.

Entretanto, a crua realidade do seu desaparecimento deu maior realce ao erro que sempre constituiu a

exclusiva actividade daquela frota a trabalhar à base da pesca da sardinha e de peixes similares.

Ou porque a frota fornece quase exclusivamente sardinha e carapau (jurel) à indústria conserveira, porque esta não lhe peça outra matéria prima, ou porque a indústria conserveira não faça conservas a não ser de carapau e sardinha porque a frota não lhe faculte outras espécies, o certo é que todas essas magníficas indústrias, que se escalonam pela costa desce Sines a Viana, pagam hoje pesado tributo àquele erro, que exige, com carácter premente, uma imediata rectificação.

E esta crise, que há anos se arrasta, poderia ter sido em parte mitigada, e estou em crer que em boa parte, tanto para os armadores, pescadores e industriais, como para os consumidores, se a frota houvesse pluralizado as suas actividades.

Campanha de pesca do bonito realizada pela frota de Vigo

Fazêmo-la objecto de especial menção dada a sua proximidade e parcial coincidência do seu campo de acção.

Não sendo ela, nem ao de leve, a frota que em Espanha captura o maior volume de escombridos, poderemos mostrar o que capturou nos últimos cinco anos para se ver se essa pesca merece ou não as honras de maior atenção:

Ano	Peso em quilogramas	Valor em pesetas	Valor médio do quilograma (pesetas)
1945	1.641.391	5.582.819	3,40
1946	2.040.659	15.164.563	7,43
1947	2.319.328	15.392.250	6,64
1948	826.846	5.160.014	6,23
1949	1.498.518	14.359.252	9,44

Não se encontram incluídas nestes números as viagens de pesca em que os barcos tenham vendido por proximidade ou conveniência de ocasião, noutros portos da costa noroeste de Espanha.

Era tradição da campanha de pesca do bonito, levada a efeito pela frota de Vigo, começar pelo São João; porém, nos últimos anos, o início da safra tem vindo a ser progressivamente antecipado, pelo que na actualidade começa nos primeiros dias de Junho.

Por agora a prática não tem aconselhado a conveniência de maior antecipação do início da pesca, por exemplo, para a segunda quinzena do mês de Maio.

No início da safra os barcos vão ao encontro dos cardumes de alalungas a que chamam bonitos, operando em águas que se assoalham por oeste das Berlengas, e delas afastadas entre 5 e 12 horas de viagem.

Com 5 a 8 dias de viagem de pesca, regressam ao porto para vender a sua pescaria, voltando por via de regra a encontrarem os cardumes um pouco mais ao norte, de harmonia com a tendência da progressão que neles hajam observado.

Prosseguem assim as suas pescarias, sempre em direcção ao noroeste da Espanha, altura em que cada traineira passa a operar consoante o seu deslocamento e conveniência própria, até que ao iniciar-se o regresso dos escombridos, em fins de Agosto ou meados de Setembro, em sentido contrário de Norte para Sul, voltam a persegui-los até às águas fronteiras de Peniche.

Neste regresso, os cardumes deslocam-se em águas muito mais próximas da terra.

Principalmente neste dois últimos anos verificou-se que, iniciadas as safras nos locais do costume e efectuando-as com o rumo de sempre, ao fim de algumas semanas de pesca remuneradora, os cardumes desapareciam, por razões tão desconhecidas como as da fuga da sardinha, etc.

Por tal motivo os barcos de Vigo, que a partir dos fins de Julho persistem nesta pesca, conforme explicou no diário da terceira viagem de pesca da «Ernestina», são presentemente os que têm autonomia superior a 300 milhas.

Os restantes voltam às suas costumadas safras de cerco, se para tal

encontram ocasião, mas sempre prontos a perseguirem os escombridos, logo que seja assinalada a nova presença e regresso, até onde a sua autonomia lho permita, na forma já mencionada (muito mais perto da costa do que no mês de Junho).

Possíveis campanhas dos futuros «boniteiros» portugueses

A campanha dos meses de Junho e Julho, que pelas suas peculiares condições não pode ser realizada por um barco das características da «Ernestina», tem sido sempre, como as estatísticas o mostram, a mais eficiente pela abundância e voracidade dos cardumes que se encontram nos já mencionados locais.

Essa campanha requer, evidentemente, barcos de maior envergadura que a da embarcação por nós empregada; ninguém deixará certamente de ver a imprudência que seria o afastar-se 50 ou 70 milhas da beiramar, mesmo que fosse de Leixões ou de Peniche, com um barco de 15 metros de comprimento e com 1,45 metros de pontal.

Em compensação encontram-se no mês de Setembro numerosos atuns, sempre ao Sul do Douro, como se verificará da leitura do diário de pesca da «Ernestina», em águas progressivamente mais próximas da costa.

Se isto é mera coincidência verificada no ano de 1949, ou regra geral, não podemos afirmá-lo.

Mas no caso de se verificar que é regra geral, poder-se-á aquilatar a imensa vantagem e facilidades que tal ofereceria à frota portuguesa; poder-se-ia afirmar, e sem receio de errar, que quando estivesse organizada a forte *boniteira*, esta estaria em condições de realizar nos meses do Outono uma campanha de pesca de escombridos caracteristicamente portuguesa.

Ao trocar as primeiras impressões com os armadores, aos quais haviam despertado interesse os trabalhos da «Ernestina» verifiquei que tinham todos a primordial preocupação de encontrar um meio de empregar os

seus barcos na pesca dos escombridos apenas nos meses de *defeso*.

Afigura-se, pois, útil e oportuno afirmar que tal forma de encarar o problema é errônea; quanto a mim — e a prática tem-no demonstrado — essa pesca oferece possibilidades da maior amplitude e importância.

Pondo já de parte o que as estatísticas da pesca da sardinha mostram com demasiada e eloquente clareza, isto é a inutilidade de se começar a estragar, desde Maio, as redes de algodão com resultados ruins para todos, não será de difícil percepção a conveniência de aparelhar as traineiras de maiores dimensões para a safra dos meses de Junho e Julho, para o que são necessários apenas uns centos de cabos de reduzido custo e um porão para gelo para poderem trazer à lota de Matosinhos umas centenas de toneladas de escombridos.

Surja maior afluência de sardinha, ou quando, nesta fase, ela entre em declínio, ou ainda por conveniência especial do armador, este deverá ter sempre os seus barcos aptos a fazerem-se ao mar, para a pesca que se antolhe compensadora a poucas milhas do porto, conduzindo-os para portos-base, como a Figueira da Foz, Sesimbra, etc., se aí for assinalada a presença de grandes cardumes, em vez de os manterem, como hoje ainda fazem, na perseguição de hipotética sardinha, estropiando as redes com repetidos lances, para obterem magra «caldeirada» para as suas desanimadas tripulações.

Em resumo: devem estar sempre prontos para com toda a rapidez atmar os barcos para pescarem o que se lhes depare, vencendo as dificuldades que de princípio a isso se possam opor.

O que fez e o que não pôde fazer a «Ernestina»

Pela casual circunstância de contar entre os seus representantes um de nacionalidade espanhola, o armador sr. Pereira Júnior teve a oportunidade de ouvir frequentemente co-

mentar a sem-razão do abandono votado em Portugal pela frota sardineira à pesca dos escombridos.

Entre 1946 e 1948, ensaios preliminares efectuados aos Domingos, entre os rios Sado e Tejo, demonstraram as possibilidades que oferecia uma sensata aplicação dos sistemas espanhóis desta pesca.

Destes ensaios preliminares resultou a organização de uma experiência mais completa e ampla com a colaboração de pescadores espanhóis especializados, cujos ensinamentos se revelavam indispensáveis, principalmente para a confecção de aparelhos e para o seu manejo. Assim se armou como pequeno *boniteiro* a enviada «Ernestina», em 1949.

Para exacta apreciação da campanha, convém desde já advertir que a sua capacidade de pesca deve ser considerada como 50 % da capacidade de pesca de um *boniteiro* espanhol completo.

Uma destas unidades de pesca espanholas tem normalmente uma tripulação de 18 homens, a saber: 1 mestre de costas, 1 mestre de pesca, 1 motorista, 1 ajudante de motorista, 1 cozinheiro, 1 chefe das linhas de proa, 2 *linheiros* das varas de bombordo, 2 das de estibordo, 2 chefes das varas situadas nas bases destas e 4 homens mais à popa, para trabalharem com as linhas de alheta (*recodos*), e as de popa *moscas*, *bicheiros*, etc., etc.

Como se notará no desenho que acompanha o presente relatório, é de 16 o número total de aparelhos.

Além de não comportar mais do que 9 a 10 homens, a «Ernestina» não dispunha na proa de espaço para a montagem de linhas de proa (*chingolos*), que são as mais usadas durante o ataque a um cardume em tropel; semelhantemente, a popa não admitia mais do que uma única linha de popa (*moscas*), com eficiência pescadora idêntica à das linhas de proa (*chingolos*).

As nossas primeiras saídas foram influenciadas pela persistente determinação de encontrar os cardumes de *Germo-alalungas* com grandes li-

mensões, que como era lógico se situavam a uma distância não inferior a 30 ou 40 milhas da terra. A primeira viagem de pesca demonstrou que era quando atingíamos o maior afastamento da costa que os achávamos. Depois já não os encontramos em igual altura e o barco não nos permitia alcançar, como talvez houvesse sido preciso, as águas que se assalhavam a 70 ou 80 milhas da terra mais próxima.

Ao ler o diário de pesca da «Ernestina» pode-se apreciar a preocupação de atingir quanto antes a altura mínima das 30 milhas e a quase regular coincidência dos nossos aparelhos serem atacados pelas *Germo-alalungas* de pequenas dimensões, a princípio nas cercanias de Leixões e ainda mais ao Norte, e depois em águas situadas mais ao Sul.

Se pelo menos dois barcos houvessem trabalhado em conjunto, um deles teria podido explorar as enseadas e baías, como se passou a fazer a partir da quinta viagem de pesca.

Não teria ficado pois de pé a dúvida, como ficou, de nos mês de Agosto as *Germo-alalungas* abundarem já a 4 ou 5 milhas da beiramar, enquanto nós as andávamos a procurar a 30 ou 40 milhas.

Por este motivo, a colaboração de vários barcos que explorem águas diferentes é tão importante como assinalámos no diário de pesca ao resumirmos a segunda saída de «Ernestina».

Por não nos ter sido possível atingir e explorar as águas situadas a uma distância média da linha de costa entre 60 e 70 milhas, também ficou de pé a dúvida de terem sido passagem dos cardumes de *Germo-alalungas* de grandes dimensões na sua viagem de regresso, apesar de nos encontrarmos a pequena distância.

Estas e muitas outras incógnitas não poderiam ser desvanecidas apenas por uma embarcação.

Mas em compensação e como é justo reconhecê-lo, a «Ernestina» demonstrou para proveito de todos os

armadores que a pesca dos atuns e dos albacoras é viável naquela costa e pôs em destaque os incalculáveis prejuízos que o abandono votado a esta actividade deve ter causado numa dezena de anos a armadores, pescadores, consumidores, conserveiros, indústrias anexas, Fazenda Pública, etc., etc.

Os ilustres homens de ciência, excellentíssimos srs. Drs. Fernando Frade e Alfredo Magalhães Ramalho, com quem tivemos ocasião de trocar impressões em Lisboa, compartilham desta opinião, e o início do seu estudo destes problemas data de muitos anos atrás, jamais tendo recebido colaboração prática ou suficiente dos armadores.

Revistas técnicas, como por exemplo pude apreciar em «Conservas de Peixe», exprimem a sua esperança de que os armadores deixem de ficar tão indiferentes perante uma riqueza que todos os anos passa em frente dos seus portos, nos meses de Junho e Julho, e que estou em crer quase dentro dos seus molhes nos meses de Outono.

As atenciosíssimas autoridades a quem tive de solicitar apoio e facilidades para a realização da minha missão (nunca por mim bastante agradecidas pela forma gentil com que mas forneceram) não esperam outra coisa se não que os principais interessados lhes ponham os seus problemas para colaborar na sua resolução.

Quanto a mim, que fui incumbido de expor com todo o detalhe os meios, processos, resultados e impressões sobre a campanha experimental da «Ernestina» e suas presumíveis consequências para os interesses de pesca portugueses, foi-me indicado que o fizesse com plena sinceridade.

E eu peço, com todo o respeito, a quem tenha de ler este maçador relatório que não o deixe no esquecimento.

Dentro das minhas possibilidades creio ter cumprido o encargo que me foi imposto, esperando e desejando que de algo sirva no futuro.

A palavra plancton deriva do grego e já tinha sido empregada por Homero na *Odisséia* para designar os animais flutuantes que Ulisses encontrou na sua viagem, depois da guerra de Troia. Etimologicamente significa errante ou flutuante.

Na ciência do mar foi o investigador alemão Hensen quem pela primeira vez a empregou em 1887, definindo com ele «*tudo o que flutua na água*». Como é natural, uma definição tão resumida e concisa não podia deixar de pecar por confusa, pois a ser tomada à letra teríamos que incluir no plancton quaisquer corpos que acidentalmente flutassem no mar.

Hoje considera-se como plancton o «*conjunto dos organismos de natureza animal ou vegetal que vivem na água, flutuando mais ou menos passivamente pois os seus meios de locomoção, sendo demasiado frágeis, não conseguem libertá-los da influência das ondas e das correntes*».

Esses meios de locomoção aumentam no entanto a flutuabilidade dos organismos planctônicos mantendo-os nas profundidades mais convenientes à sua fisiologia, em face das múltiplas variações físico-químicas que constantemente ocorrem no meio aquático.

De que acabámos de dizer segue-se que devem estar incluídos no plancton os mais diversos seres. Com efeito é isso mesmo que acontece pois o plancton afinal não é mais do que uma associação instável de organismos que apenas têm de comum as condições especiais de vida; e isto não é pouco pois, como veremos, essas condições imprimem-lhes características muito especiais não só morfológicas mas principalmente fisiológicas.

Nos seres planctônicos observa-se grande número de dispositivos que lhes diminuem o peso específico em relação ao da água. Assim, grandes quantidades desta substância são absorvidas e retidas nos seus tecidos o que além de aproximar o seu peso do da água os torna transparentes e portanto com maior possibilidade de escapar aos seus perseguidores. Por vezes apresentam pequenas bolsas cheias de substâncias gasosas, órgãos hidrostáticos, que podem contrair-se ou dilatar-se favorecendo-lhes a descida ou subida a diferentes profundidades; é o caso de muitos Celenterados como a «*Physalia*» a que os estrangeiros chamam vulgarmente «a fragata portuguesa» talvez por ser frequente nas nossas costas.

Em alguns Gasterópodos o animal segregava um muco que, misturado com bolhas de ar, constitui um verdadeiro flutuador o qual tem ainda a função de transportar os filhos pequenos.

Gotas de gordura distribuídas pelo corpo são frequentes em Celenterados, e os ovos de certos peixes, como a sardinha, são providos dum pequena gota oleaginosa que, nos primeiros tempos do desenvolvimento do indivíduo, permite à larva flutuar e depois é reabsorvida servindo-lhe de alimento.

Os Crustáceos planctônicos têm uma carapaça muito fina e pobre de sais de cálcio sendo, deste modo, muito mais leves que os seus próximos parentes do fundo; um

O PLANCTO SUA COMPOSIÇÃO

Pela Dr.^o Estela

caso semelhante se passa com alguns Moluscos, quando jovens, na sua fase planctónica.

Outra causa da flutuabilidade destes organismos é o aumento da sua superfície em relação ao volume: é muito frequente a presença de apêndices mais ou menos ramificados, de filamentos, de prolongamentos laminares, etc. Estas últimas formações podem observar-se em certos Protozoários como alguns Dinoflagelados e têm o aspecto de asa ou de colares marginando a abertura oral.

Alguns Crustáceos, em especial os Copépodes, têm numerosos filamentos finos e muito ramificados; como se pode ver na figura 1, os quais, aumentando deste modo a superfície do indivíduo, o tornam muito mais leve.

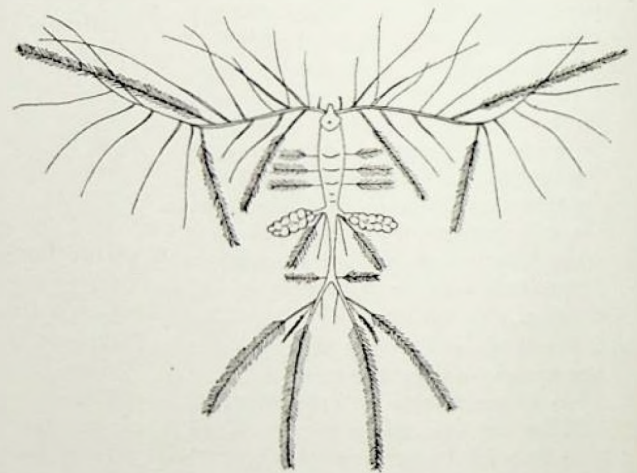


Fig. 1 — Copepodo planctónico (segundo Giesbrecht)

Casos idênticos encontramos também entre os Celenterados.

Outro carácter dos organismos planctônicos é a sua grande fecundidade por vezes levada a ponto tal que inibe o desenvolvimento de outras espécies como no caso de «*red-water*» a que os pescadores espanhóis chamam «*purga del mar*». Este fenómeno consiste no aspecto característico do mar de águas muito turvas e com uma cor vermelho acastanhado apresentando forte luminescência durante a noite; é devido à extraordinária abundância duma espécie de Dinoflagelado, nem sempre a

N MARINHO O E INTERESSE

e Sousa e Silva

mesma, e pode provocar a morte de peixes e o envenenamento de pessoas que tenham ingerido mariscos colhidos durante este período anormal. Um caso de «red-water» foi registado na nossa costa, em Setembro de 1949. Em época próxima houve alguns casos de intoxicações alimentares em pessoas que tinham comido mariscos colhidos na Lagoa de Óbidos. Não sei se haverá alguma relação entre estes dois factos, mas se os envenenamentos ocorridos nas margens daquela Lagoa não foram devidos ao «red-water» então observado, certamente tiveram a sua origem num fenómeno semelhante, dada a sintomatologia apresentada pelos doentes.

Na constituição do plancton entram organismos de quase todos os grupos sistemáticos dos Reinos Animal e Vegetal, que podem pertencer-lhe durante toda a sua vida ou terem um período maior ou menor de vida planctónica, seja ele larvar como em alguns Peixes e Moluscos, seja no estado adulto depois de uma fase larvar de fundo, o que é mais raro e sucede apenas em algumas Medusas.

No Fitoplancton, plancton de natureza vegetal, os grupos melhor representados são as Diatomáceas e os Dinoflagelados.

As Diatomáceas são algas microscópicas cuja membrana, de sílica, é geralmente esculpida e por vezes duma beleza extraordinária.

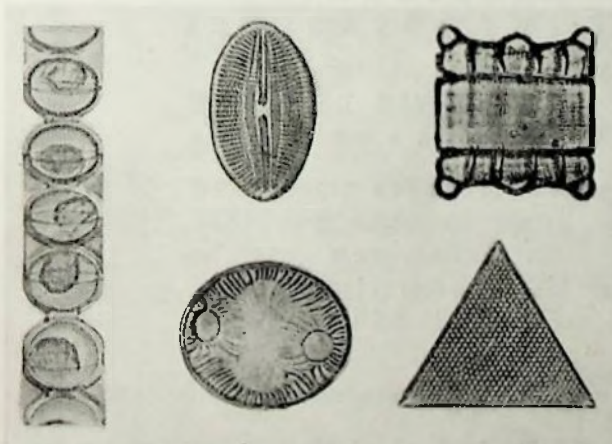


Fig. 2 — Microfotografias de diversas formas de Diatomáceas planctónicas

De forma muito variada, dicoides, naviculiformes, etc., estas pequeninas plantas, quando observadas vivas ao microscópio, movem-se muito lentamente na direcção do seu maior eixo, movimento esse que, segundo alguns autores, é de escorregamento devido a exsudação de substância mucilaginosa ou, segundo outros, está relacionado com emissão de filamentos protoplásmicos. As Diatomáceas vivem isoladas ou em colónias que podem ser filamentosas, em leque, num agregado mucilaginoso, etc.

Os Dinoflagelados ou Peridínios são organismos que pelos seus caracteres estão no limiar dos dois Reinos animal e vegetal. Muitos autores os consideram como animais, mas modernamente todos os planctonologistas os estudam como fazendo parte dos Flagelados vegetais.

Tal como as Diatomáceas, são seres microscópicos e têm uma cor castanha-amarelada mais raramente avermelhada, algumas vezes incolores.

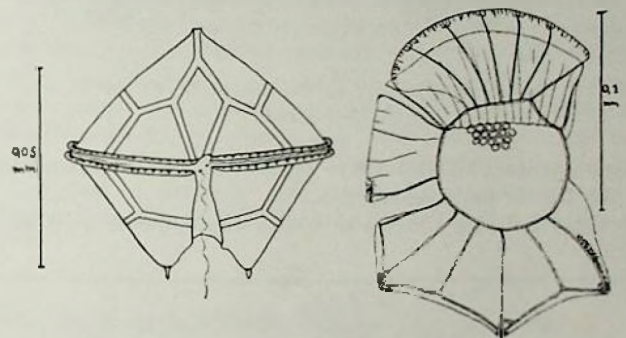


Fig. 3 — Dinoflagelados dos géneros *Peridinium* e *Ornithocercus*

Geralmente são revestidos por placas de celulose notando-se entre elas linhas de sutura e à sua superfície desenhos finíssimos formando uma malha reticulada, ou espinhos, ou poros, etc.

Apresentam formas muito variadas: redondas, ovais, ou com prolongamentos.

Todos eles têm dois sulcos, um longitudinal outro transversal em cada um dos quais se encontra um flagelo; estes dois flagelos, com movimentos helicoidais, permitem ao indivíduo deslocar-se com certa velocidade, funcionando um como órgão de propulsão e o outro como órgão de direcção. Os Dinoflagelados encontram-se quase sempre isolados, exceptuando o caso de ter havido recente divisão e então podem observar-se cadeias de indivíduos algumas vezes ainda não bem diferenciados, mas outras já com todos os caracteres dos indivíduos adultos.

Os organismos deste grupo são principalmente abundantes nos mares temperados e quentes mas, em geral, encontram-se por toda a parte constituindo uma fracção importantíssima do Fitoplancton.

São muitos os grupos de animais que têm representantes no Zooplancton; no entanto, apenas nos referiremos aos mais característicos. Entre os Protozoários po-

demós citar, como mais frequentes, os Tintinídios, Ciliados que possuem uma pequena carapaça — a lorica — de forma mais ou menos campanulada onde se encerra o animal; esta carapaça pode ter à sua superfície nume-

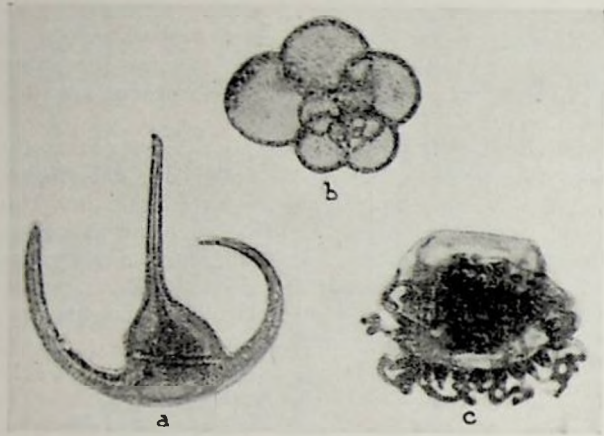


Fig. 4 — Microfotografias de: a) Dinoflagelado, b) Foraminífero, c) Celenterado

rosos corpúsculos estranhos (grãos de areia finíssima) o que lhe dá mais resistência.

Estes animais movem-se muito rapidamente (em re-

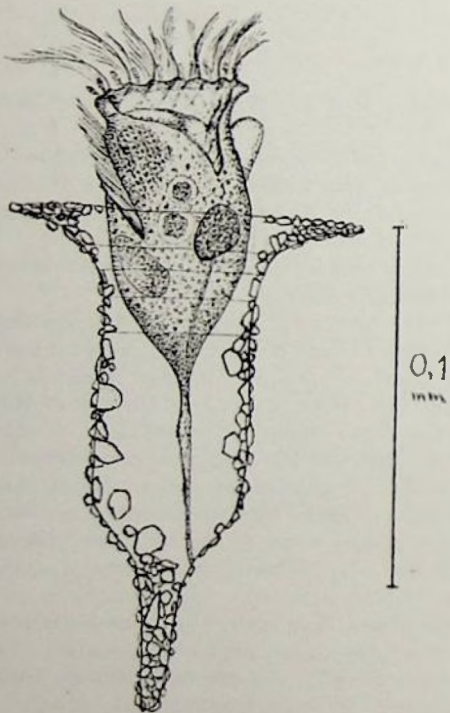


Fig. 5 — Tintinídeo do género *Tintinnopsis* (segundo Fauré-Fremiet)

lação ao seu tamanho) devido a pequeninos filamentos — os cílios —, curtos, finos e muito numerosos que se dispõem numa ou mais fiadas à superfície do indivíduo. Este, com o seu sistema ciliar, encontra-se preso ao fundo ou à parede lateral da lorica e, quando em boas condições externas, coloca-se junto à abertura daquela de modo a ficar de fora, em grande parte, a porção do seu corpo que contém os cílios (como se pode ver na figura 5).

Estes, além de permitirem ao animal mover-se, deslocam as camadas de água que o contactam, substituindo-as por outras e trazendo assim, por vezes, novas partículas alimentares. Os Tintinídios têm uma grande importância no estudo do plancton marinho, e, tal como os Dinoflagelados, são mais abundantes nos mares quentes e temperados; habitam de preferência, não a superfície, mas as camadas mais profundas.

Entre os Radiolários, maravilhosos Protozoários planetónicos, encontram-se algumas das mais belas formas que nos é dado observar ao microscópio; os seus esqueletos de sílica são constituídos fundamentalmente por dois elementos: as espículas (finas agulhas) e as redes, os quais, porém, se dispõem segundo modos variadíssimos, formando um conjunto de filigrana que espanta pela variedade e beleza.

São característicos dos mares frios, mas aparecem também nas águas temperadas, e até nas tropicais.

Os Foraminíferos exemplificam bem a adaptação dos

SARDINHA DO ALGARVE

L I M I T A D A

FABRICANTES E
EXPORTADORES

CONSERVAS DE PEIXE
em azeite e em salmoira

Fabricações especiais em
azeite na marca MARGARET
Sardinhas sem espinha
Sardinha sem pele nem espinha
FILETES DE ANCHOVAS

Endereço Telegráfico: «Sardinha» / Telefone 25

OLHÃO — PORTUGAL

seres marinhos às diferentes condições de vida; os que têm vida planctónica apresentam prolongamentos ou espinhos ou têm muito pequena densidade; aqueles que são bentónicos, isto é, que vivem no fundo, se bem que possuindo todas as características fundamentais do grupo, são formas de carapaça densa, massiça e geralmente sem prolongamentos.

Temo-nos referido até aqui somente a organismos microscópicos; de resto, são eles os mais importantes, dadas as quantidades astronómicas em que podem aparecer, modificando por completo a cor da água, como já vimos, e até comunicando-lhe um cheiro intenso «*sui generis*».

Contudo, o plancton marinho é rico de outras formas, das mais diversas dimensões, podendo chegar a atingir alguns metros. É o caso dos Celenterados. Entre estes são vulgares, nas nossas águas, as já citadas *Physalias* com o seu típico flutuador a que estão ligados numerosos prolongamentos, de diversas funções: reprodutora, alimentar, motora e de defesa. Esses prolongamentos são de grande elasticidade, podendo distender-se até atingirem comprimentos de vários metros.

Aparecem também na costa portuguesa, com muita frequência, as interessantíssimas *Vellelas* com a sua membrana elegantemente erecta à maneira de vela de barco, permitindo ao animal deslocar-se sem esforço algum, empurrado pelo vento, o que constitui um dos mais curiosos dispositivos existentes em seres marinhos.

É claro que tal órgão nem sempre é útil a esses animais pois se, por um lado lhes dá a possibilidade de se movimentarem constantemente, frequentando diversas regiões onde mais facilmente encontrarão alimento, por outro lado é causa de eles sofrerem grandes hecatombes por darem à costa em dias de vento que sopra do mar para a terra com certa intensidade.

Grande número de Vermes são planctónicos, alguns durante toda a sua vida, outros apenas na fase larvar.

Os Crustáceos são muito abundantes no plancton e de grande importância como os Copépodes, os Amphípodos e muitos outros grupos, pelo alimento abundante e magnífico que proporcionam a numerosas espécies de peixes e de outros animais marinhos.

Entre os Moluscos apenas as larvas e certas formas jovens têm vida actuadamente planctónica, mas estas formas, por vezes, encontram-se em quantidades muito grandes.

São poucos os peixes adultos fazendo parte do plancton; no entanto, muitos ovos durante o desenvolvimento embrionário e as larvas que eles originam, são tipicamente planctónicos, modo de vida que lhes dá as condições óptimas sob o aspecto de alimentação, temperatura, iluminação, etc., de modo que morrem sempre que as condições meteorológicas os forcem a mudar de ambiente.

Acabámos de fazer uma resumida resenha dos seres Fito e Zooplanctónicos. É altura de frisarmos que a sua



**Mariolinde
Sporting**

**LOYAUTE
MATHILDE
LEVANT
Regil
CROIX
D'OR
Somar**

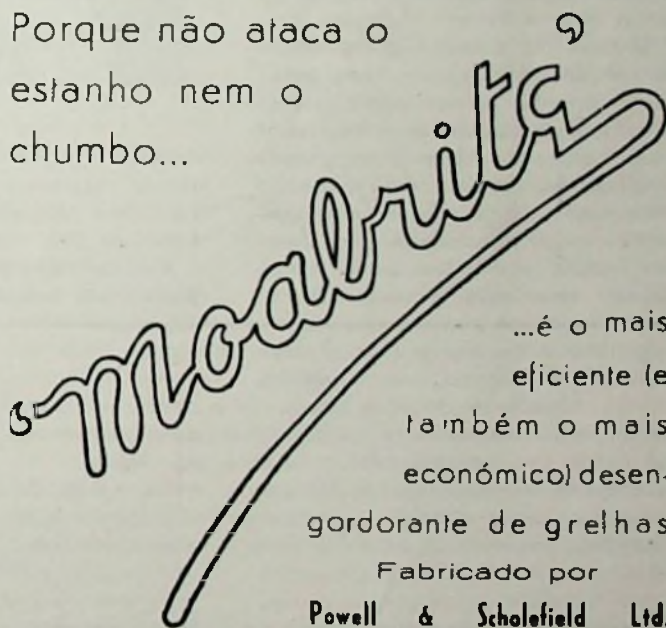
are some of the well known brands of
sont quelques unes des marques bien connues de

MARQUES NEVES & C^a, L^{da}

packers of all kinds of preserved fish
fabricants de toutes sortes de conserves de
poisson

<p>SETÚBAL Telegraphic adress Adresse télégraphique MARNE</p>	<p>MATOZINHOS Telegraphic adress Adresse télégraphique SOMAR</p>
---	--

Porque não ataca o
estanho nem o
chumbo...



...é o mais
eficiente (e

também o mais
económico) desen-

gordorante de grelhas

Fabricado por

Powell & Schofield Ltd.

(Est. 1879)

LIVERPOOL — INGLATERRA

Representado por

Soc. Com «Alcori» Lda.

LISBOA

JOSÉ SEVERO RAMOS

Há pessoas cuja vida foi um exemplo de trabalho e de perseverança, tornando-se, por isso, dignas da admiração dos que sabem como é árduo partir do nada, isto é, descender de uma família humilde e ocupar depois, na sociedade, um lugar de destaque conquistado pelo próprio esforço e com as qualidades com que se fora dotado. Está neste caso José Severo, sócio-gerente da firma Severo Ramos, Lda., falecido há pouco em Lisboa, com 71 anos de idade, e cujo despojo fúnebre foi trasladado para o cemitério de Portimão onde repousa em jazigo de família.

A actividade deste homem foi enorme. Nascido em Aljezur (Algarve), veio muito cedo para Portimão como empregado da antiga casa António do Carmo Provisório, onde esteve durante 30 anos, fundando mais tarde, em 1923, com outros antigos empregados daquela casa, a firma Severo Ramos, Lda.

Dotado de grande inteligência e de verdadeiro talento comercial, muito cedo se revelou um elemento de grande valor no meio mercantil onde exerceu, sempre com grande proficiência, a sua actividade na exportação de frutos secos e conservas daquela região. O seu nome era, então, por todos, muito considerado, quer como contabilista exi-

mio, quer como gerente comercial e organizador da indústria de conservas de peixe. O seu conselho ou o seu parecer eram escutados com especial



atenção. As suas opiniões em assuntos de carácter económico eram tidas como as melhores sobre a matéria.

A capacidade de trabalho de José Severo era extraordinária e ficava

geralmente à secretária 12 horas por dia.

Em Portimão, onde vivera a maior parte da sua vida, gozou sempre de grande prestígio, e a firma Severo Ramos, Lda., era tida ali como a melhor organização comercial e industrial do seu género.

Reconhecendo-lhe todas estas faculdades, os industriais de Portimão elegeram-no para seu representante, em 1932, no Conselho de Administração do antigo Consórcio Português de Conservas de Sardinha.

José Severo Ramos foi também gerente da Nova Sociedade de Conservas, Lda. e de Facho, Lda., de Portimão.

Os homens com a inteligência e as faculdades de acção de José Severo deixam assinalada a sua passagem pela vida com uma obra que pode servir de ensinamento aos que se dedicam ao comércio e à indústria.

A lei inexorável da existência é que não perdoa, e, por isso, apenas nos resta assinalar hoje a perda dum homem de acção, que brilhantemente soube triunfar em vida.

C. C.

A revista «Conservas de Peixe» apresenta à família enlutada os seus sentidos pesames.

importância na biologia geral desse espantoso meio de cultura que é o mar, não é idêntica.

Os organismos do Fitoplacton são a condição necessária para a existência de todos os animais marinhos: tal como as plantas terrestres, têm a possibilidade de fabricarem substância orgânica assimilável a partir de compostos de constituição química muito simples e que abundam por toda a parte: a água e o anidrido carbónico.

São estes vegetais que servem de alimento aos seres zooplactónicos como Copépodes e outros crustáceos, os quais, por sua vez, vão alimentar os peixes comedores de plancton. Estes peixes servem de alimento aos peixes carnívoros e assim se fecha o ciclo complicado e dramático da vida no mar, onde como em terra, os animais

se comem sucessivamente uns aos outros, condição necessária para a persistência das espécies.

Pelo que acabamos de escrever se compreende que, afinal, o que interessa fundamentalmente é o desenvolvimento do Fitoplacton; uma vez este em condições óptimas de reprodução e subsistência, constituirá magnífico engodo que irá atrair os Crustáceos e os Peixes.

O estudo dessas condições é do maior interesse científico e económico pelos ensinamentos que nos dá com possibilidades de se orientarem as pescas de modo mais lógico e de maior rendimento que o rotineiro sistema ainda usado em muitos países com as incertezas e contingências que todos nós conhecemos.

Os métodos de estudo do plancton e os problemas que se podem abordar e resolver, serão, porém, objecto de outro artigo.



Mercados



Bélgica

O mercado belga de conservas de peixe acusa nos últimos meses grande instabilidade — e o comércio de grosso encontra-se desorientado quanto à posição a tomar.

Na previsão de dificuldades internacionais que prejudicariam o abastecimento normal do país, aceleraram-se as importações da safra anterior, para formação de stocks, quer no armazenista, quer no consumidor.

Nas estações oficiais onde os problemas de abastecimento da população estão sendo seguidos com muita atenção, afirma-se que o mercado está saturado, havendo stocks em demasia. Assim pretendeu-se justificar as recomendações feitas aos estabelecimentos bancários para não serem facilitados créditos para a importação de certas mercadorias de que se considerava o mercado suficiente abastecido. As conservas de sardinha, segundo as mesmas estações oficiais, estariam nesse caso.

Embora chegue ao nosso conhecimento que existem, de facto, apreciáveis stocks disponíveis neste país, o comércio importador encontra-se perplexo, hesitando em renovar ou reforçar os stocks existentes, apesar do aviso dos exportadores marroquinos de um eventual aumento para breve dos preços da conserva daquela origem, aumento que se calcula

seja de 400 a 500 francos franceses por caixa de sardinha do tipo corrente.

Esta situação de perplexidade, pensa-se nos meios importadores, pode modificar-se em breve devido à sua procura extraordinária suscitada pela evolução dos acontecimentos internacionais.

Com efeito, espera-se que num futuro próximo apareçam propostas de compras importantes de conservas de peixe provenientes dos comandos militares, em virtude do aumento de efectivos nas fileiras ultimamente decidido.

Estas compras são geralmente colocadas nas firmas nacionais do comércio da especialidade e os lotes das encomendas são, em geral, superiores a 40 toneladas. Nas adjudicações tem sido dada preferência ao fabrico português.

Os peixes preferidos são, na sua maior parte, a sardinha, o pilchard e a cavala, conservados em azeite ou óleo.

Mesmo em condições vantajosas de preço, não é raro que as autoridades militares recusem conserva de cavala escandinava, com fundamento na qualidade inferior do óleo empregado.

Tais são as perspectivas quanto a uma possível modificação do mercado, num futuro que parece avizinhar-se.

Como anteriormente, mantém-se a preferência do público deste país pela conserva de sardinha portuguesa quando as condições de preço não acusam desnível muito acentuado sobre o do produto concorrente de outras proveniências.

Como era de esperar, o fabrico marroquino manifestou-se, no ano de 1950 como no anterior, um concorrente sério da nossa indústria,

com as suas 1349 toneladas, contra 2994 toneladas de conserva portuguesa, tendo fornecido os restantes concorrentes juntos apenas 193 toneladas. O seguinte quadro é elucidoativo:

Importação de Conservas de Sardinhas na Bélgica nos últimos três anos

Países	1948	1949	1950
De Portugal	8670	3263	2994
De Marrocos	22	1129	1349
De outras origens ...	400	230	193
Totais	9092	4622	4536

Embora tenha aparecido no mercado alguma conserva de peixe da Jugoslávia, a sua aceitação pelo consumidor é de veras medíocre, não obstante o seu preço de combate. Fabricado ao que parece, pelo método francês (frita em azeite e enlatada em seguida com novo mólho) a apresentação e qualidades sápidas não têm dado satisfação no consumidor. O mercado belga em 1950 importou apenas 42 toneladas de conserva de sardinha desta origem.

A conserva de cavala (indústria de Ostende) de fabrico recente, continua pouco apreciada do público. Consideradas, porém, as condições económicas privilegiadas da indústria, relativamente aos produtos similares concorrentes, poderá vir a ocupar num futuro próximo uma posição de alguma importância como artigo de consumo das classes de limitado poder de compra, se a diferença entre o seu preço e o do produto de importação se tornar apreciável.

Com efeito, parece ser este o objectivo da nável indústria de Ostende, esforçando-se por obter das autoridades um regime fiscal tão favorável quanto possível.

O pilchard americano continua a impor-se no mercado, mercê da vigorosa organização comercial que o apoia, do baixo preço a que se oferece (francos 11,00 por lata oval de 226 gramas) e da excelente apresentação industrial caracteristica dos

(Continua na pág. 24)

**ALIANÇA
EXPORTADORA**

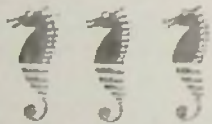
DA

LISBOA-PORTUGAL



**PORTUGUESE
CANNED FISH**

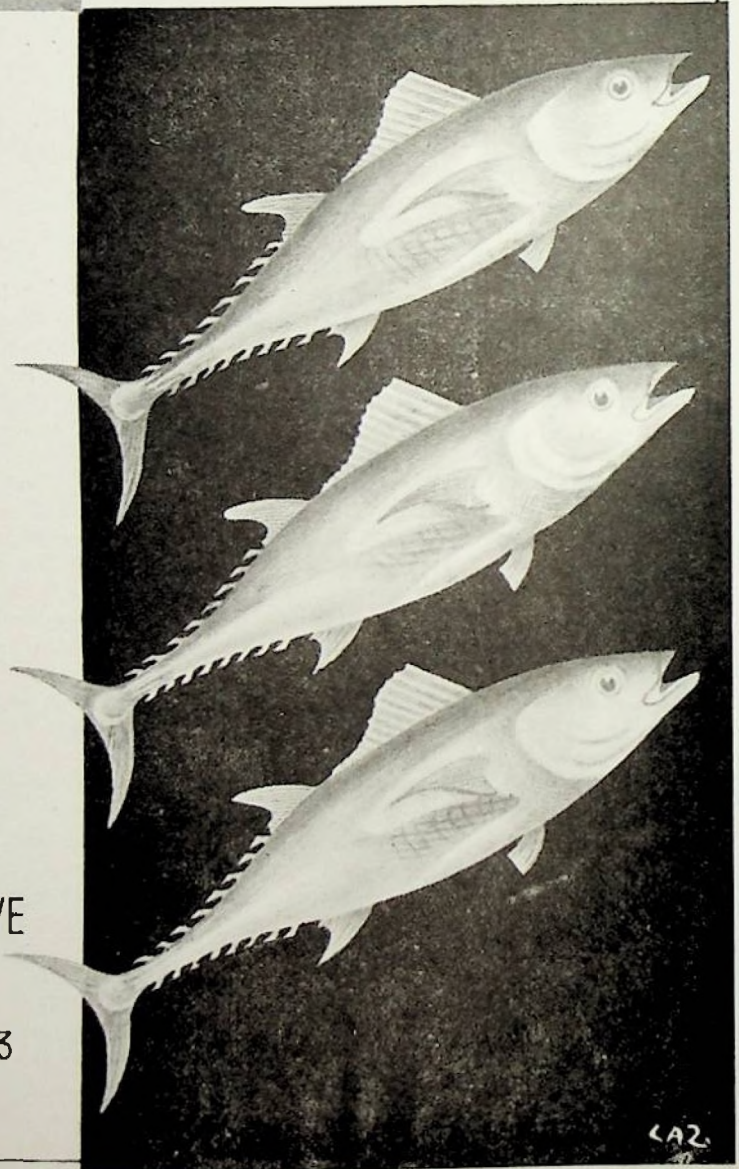
**SARDINES
TUNA FISH
ANCHOVIES
MACKERELS**



U.S. EXCLUSIVE REPRESENTATIVE

H.ORMAI

105. HUDSON STREET NEW YORK, 13



CAZ

S O L U Ç Õ E S

(Continuação do número anterior)

Passemos ao segundo grupo:

2. Problemas relativos a uma melhor aparelhagem industrial com vista a um baixo custo de produção. Incluímos neste número tanto os problemas técnicos de cheio, como os de vazio.

Não devemos andar muito longe da realidade se tomarmos como média de produção anual da Indústria de Conservas de Sardinha em milhões, 1.700.000 caixas de 1/4 club. Supondo que existem 160 fábricas em laboração, teremos uma produção média por fábrica e por ano de cerca de 10.000 caixas.

Podem uma fábrica laborar economicamente produzindo 10.000 caixas por ano? Julgamos que não, porque o custo de produção dentro de limites desta ordem será sempre muito elevado. Todos concordam que há necessidade de o baixar e temos de procurar a maneira de o fazer sem contar unicamente para o efeito com uma possível descida no preço de compra do peixe.

Em três sectores se podem obter reduções susceptíveis de influenciar o preço de custo da produção:

a) Na aquisição das matérias primas.

b) Na produção do vazio.

c) Na produção do cheio.

Para se chegar, porém, a resultados satisfatórios nestes três campos torna-se necessário: *Associação e Cooperação*.

Não é segredo para ninguém que é a Associação e Cooperação, entre produtores, que os países chamados do grupo Escandinavo e a Suíça, vão buscar a sua enorme força produtiva. A Suécia, a Noruega, a Dinamarca e a Suíça sendo países de relativamente pequena população e de solo relativamente pobre, conseguiram impor e valorizar a sua produção no mundo inteiro e todos ouvi-

mos falar do alto nível de vida que as suas populações disfrutam.

Há, hoje em dia, um mínimo de produção abaixo do qual não se pode ir sob pena do operariado viver na miséria e o industrial arrastar uma vida de penúria.

Dois caminhos se podem seguir para obter um baixo custo de produção:

— Grandes concentrações industriais, tipo americano.

— Associação e Cooperação, tipo Escandinavo ou Suíço.

Somos decididamente pelo segundo por o julgarmos mais facilmente adaptável ao nosso meio e à nossa gente.

Teremos, portanto, de trocar pela Cooperação Organizada, a «liberdade» em que temos vivido.

Não vale a pena entrar em detalhes pois todos sentimos que o que temos tido não tem permitido viver senão na mediocridade, tanto a Industriais como a Operários.

Torna-se necessário que, abdicando dos princípios que nos têm orientado, nos disponhamos a *Cooperar* uns com os outros no sentido de formar agrupamentos de produção suficiente para permitir:

a) Em conjunto e em tempos normais, adquirir as matérias primas, folha, estanho, chumbo, caixotes, etc., obtendo os preços mais favoráveis;

b) Em conjunto ficarmos em condições de poder adquirir as modernas linhas automáticas de fabricação de vazio que só são viáveis a partir de produções relativamente elevadas.

Além dum preço por caixa muito mais baixo esta organização traz ainda a vantagem da uniformização de formatos e a redução do seu número.

Para dois milhões de caixas de produção, Marrocos dentro em breve

terá praticamente apenas duas fábricas de vazio.

Se em Portugal chegarmos a solução semelhante e as fábricas produtoras do vazio forem, na maior parte, pertença dos próprios industriais, o que ali não deve acontecer, teremos obtido um duplo benefício.

c) Também só por cooperação será possível o emprego das modernas máquinas que a ciência tem vindo a pôr à disposição da Indústria Conservadora.

Desde a Cravadeira Azeitadeira de alta produção à última palavra que são os Cozedores Contínuos inteiramente Automáticos, ajudados por todos os modernos aparelhos de manutenção, tais como as passadeiras transportadoras, pequenos guindastes móveis empilhadores-transportadores, etc.

Só em unidades fabris com capacidade acima de certos limites, é possível empregar estes modernos maquinismos.

Só com eles é possível aumentar a produção do operário por forma a permitir pagar-lhes um salário alto.

Só com eles e com uma melhor organização de vendas que permita obter pelo produto fabricado o máximo preço que os mercados podem pagar, os industriais podem aspirar à vida desafogada a que têm direito e igual à que disfrutam os dos países que acima citei.

Dotou a Natureza as nossas costas com um dos peixes mais apreciados pelas suas qualidades alimentares e organoléticas: a Sardinha.

Se alguns países tivessem tido a sorte de a possuir, que enorme riqueza ela representaria nas suas mãos! Com matéria prima de qualidade muito inferior todos sabemos o que eles fazem e conseguem, unicamente porque em vez de agir isoladamente se Associam e Cooperam.

Não lhes somos inferiores, nem em inteligência nem em qualidades de trabalho. Temos todas as condições para, como eles, triunfar, faltando-

(Continua na pág. 24)

MERCADOS

(Continuação da pág. 21)

fabricos daquela origem. A Bélgica importou em 1950 desta conserva 2.904 tons. no valor de 48.471.000 francos.

Também o produto japonês está fazendo já a sua aparição, todavia em muito menor escala.

Preços do mercado:

O preço de venda a retalho da conserva de sardinha, no ano findo, foi, em média inferior em 10 % aos preços actuais, não obstante a redução de 9 % para 4 1/2 % da chamada Taxa de Transmissão (taxa de consumo) sobre as importações, decretada em Novembro do ano findo.

Alguns preços de conserva de peixe à venda:

Conserva portuguesa

Sardinha:

1/4 club, em óleo frs. 9,25
1/4 club, em azeite frs. 10,25

Cavala:

1/4 club, em óleo frs. 8,50
1/4 club, em azeite frs. 10,00

Coonserva marroquina

Sardinha:

1/4 club, em óleo ... frs. 7,95 a 8,25
1/4 club, em azeite frs. 8,75 a 9,25

Conserva de Ostende

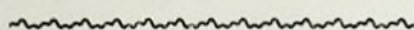
Cavala:

1/4 club, em óleo frs. 9,50

No comércio de retalho nenhum esforço se faz para sugerir ou aconselhar o cliente a adquirir as nossas tradicionais sardinhas, sendo indiferente ao retalhista vender esta ou aquela conserva. Assim é que as conservas de «pilchard» americanas, em virtude do seu preço baixo, embora a sua qualidade seja inferior, vão adquirindo um ascendente cada

vez maior no mercado belga que na opinião de alguns importadores ameaça suplantar a supremacia que as sardinhas portuguesas ainda actualmente gosam.

Reconhece-se por isso a conveniência de se fazer neste País uma campanha de propaganda genérica junto do consumidor para o levar a preferir as nossas conservas de sardinha.



SOLUÇÕES

(Continuação da pág. 23)

nos apenas QUERER e METER MÃOS À OBRA.

É tempo de lhe dar início por nós próprios para evitar que o tenhamos de fazer amanhã coagidos porque mais cedo ou mais tarde isso terá de acontecer.

Está bem e é necessário que o Estado ampare e crie o clima para que esta COOPERAÇÃO se possa efectivar. Mas é a Indústria, e só ela, que a deve levar a efeito.

É para terminar sou tentado a citar novamente o «efficiency expert», Mr. Herbert N. Casson no livro a que anteriormente me referi, «Les Seize Commandements de l'Homme d'Affaires».

O axioma 16.º diz assim:

«L'avenir des affaires tend vers les combinaisons».

O seu desenvolvimento termina com este período:

«Se a palavra de ordem, ainda ontem, era INICIATIVA, a de hoje é ASSOCIAÇÃO e a de amanhã será SERVIR.»

Finalizando:

A solução dos nossos problemas exige de nós ASSOCIAÇÃO que nos torne industrialmente mais fortes e com a qual servindo os interesses de todos iremos SERVIR O PAÍS.

F. S.

PEDIDOS de representação

- Elias F. Böhlök
10 Alexandre Marcel — Hélio-
polis (Egipto).
- Philippe De James
9, Rue Méret — Bordeaux.
- Société Marocaine de Representa-
tions
7 Avenue d'Amade — Casablanca.
- Kamal Abu Dheir
P. O. B. 75 — Nablus (Jordan).
- Tabet Freres & Cie.
B. P. 1169 — Beyrouth (Liban).
- Wattar Frères
B. P. 678 — Beyrouth (Liban).
- S. J. Low Bros. & Co.
18 Battaery Road — Singapore.
- H. W. Guggenheim Ltd.
120-122, Holloway Head — Bir-
mingham.
- Walter Lux
Stallburggasse 4 — Wien.
- Crivelle Francesco
Lugano-Crocifisso (Suisse).
- Associated Traders, Ltd.
P. O. Box 57 — Singapore.
- Overseas Coroporation (Austra-
lia) Ltd.
P. O. Box 512 — Singapur.
- Boston Brokerage Co.
148 State Street — Boston, Mass.
- Cassan Hassam & Co.
P. O. Box 73 — Port-Louis (Mau-
ritius).
- African & Canadian Co.
P. O. Box 245 — Accra (Gold
Coast).
- Nordisk Trading
Hellerupvej 18 — Copenhagen.
- Deeb, Attar, Shalhoub
P. O. Box 406 — Damascus,
Syria.
- Raymond Saurel & Cie.
2, Rue de Clery — Paris (2e).
- Albert Faure
6, Rue Gaston de St. Paul —
Paris (XVIe).

FABRICA DE CONSERVAS E SALAZONES

Pinhais e Cia., Limitada

AVENIDA MENERES, 200
MATOSINHOS
TELEG.: CONSERVAS
TELEPHONE: 42-M

CONSERVAS DE:

A T U M
SARDINHAS
CAVALAS
CHICHARRO
ANCHOVAS
PASTAS DE
PEIXE
MARISCO

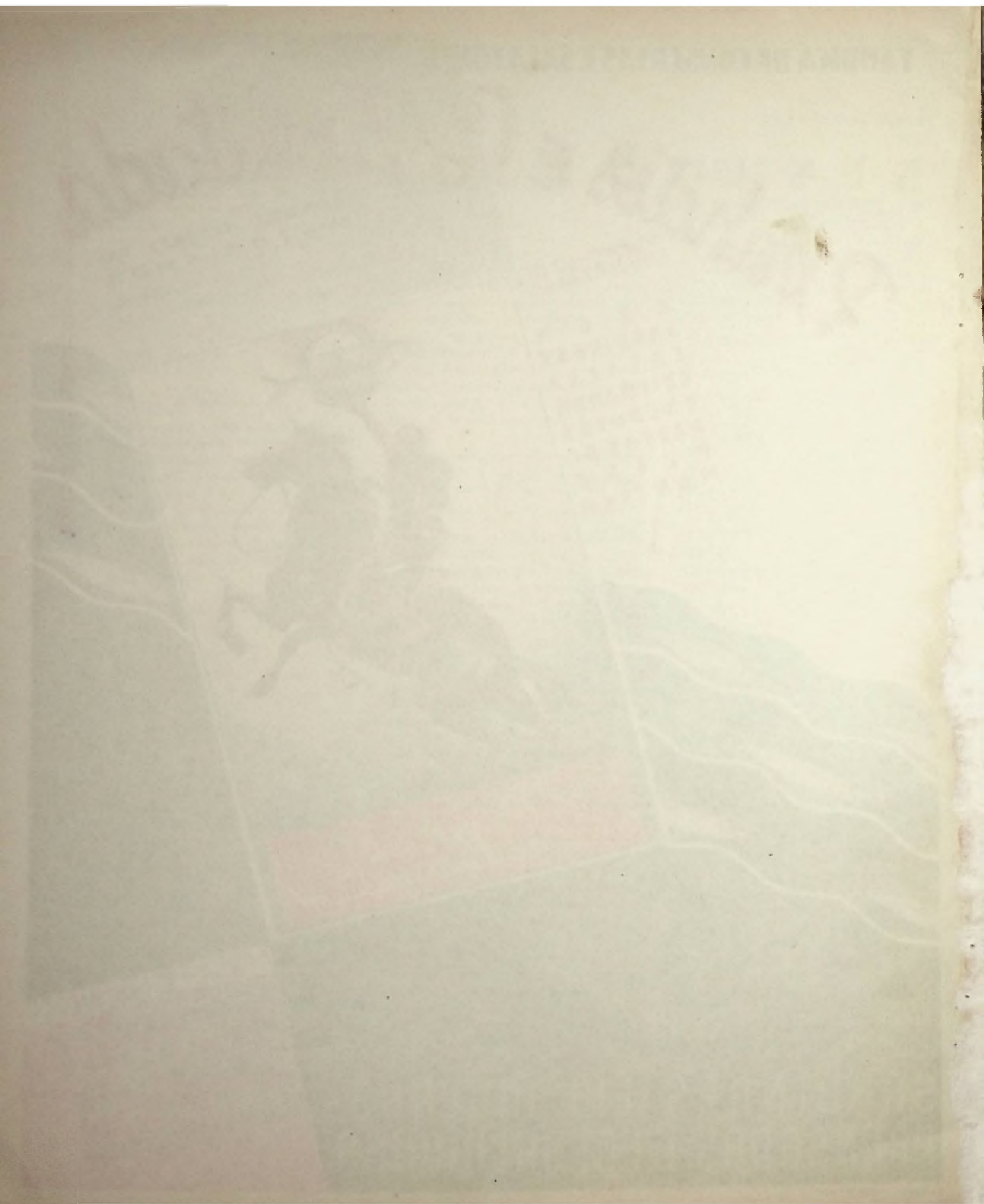


"Pinhais"
a que todos disputam!



SARDINHAS EM MOLHOS,
PRENSADAS E EM SALMOURA

MARCAS REGISTRADAS
PINHAIS • MASCATO
RIOS • SAILOR
SEMPER-IDEM
E D U S A • T O
CIBELES • MARINHEIRO



RELATÓRIOS

A Direcção do Grémio de Olhão teve a amabilidade de nos enviar o seu relatório e as contas de gerência respeitantes a 1950 de que transcrevemos a parte seguinte relativa às condições a que estiveram sujeitas no ano passado a produção e a exportação de conservas naquele Grémio.

Não nos alongaremos a relatar factos que por demais conhecidos de todos os interessados não têm aplicação futura.

Limitar-nos-emos a arquivar neste relatório as maiores dificuldades que a indústria teve de enfrentar e algumas facilidades de que beneficiou.

A base desta indústria é a pesca, que nos últimos anos tem decrescido assustadoramente.

No ano a que respeita este relatório — 1950 — a da sardinha apresentou-se no início da safra com bons auspícios. A abundância de sardinha pequena que apareceu em Maio fazia supor que a costa se tinha repovoado e dentro de alguns meses, com o seu crescimento, o abastecimento voltaria à normalidade.

A previsão foi absolutamente errada: — De início, apenas 30/40 % da sardinha podia ser aproveitada, já pelas reduzidas dimensões da maior parte já pela sua pouca consistência. Nos meses seguintes também devido ao tamanho e ainda à sua fraca qualidade, o aproveitamento não melhorou e a partir de Outubro a escassez voltou a fazer-se sentir.

Resultado final: — Compra de avultadas quantidades com reduzido aproveitamento, fabricos fracos, rejeições e respectivos prejuizos.

A pesca do atum, em especial a de direito, foi muito fraca e os fabricos da de revez devido ao esgotamento do contingente estabelecido no acordo Luso-Italiano ficaram aguardando oportunidade de venda.

A pesca do biqueirão fez a sua aparição durante 2/3 dias e desapareceu, ficando a indústria sem ma-

téria prima com que por meio da filetagem pudesse assegurar trabalho ao seu pessoal nas épocas de maior falha de sardinhas e no defeso.

O abastecimento de azeite e de óleo foi normal, mas outrotanto não aconteceu com o de folha de Flandres.

Devido aos poucos fabricos, a organização suportou durante quase dois anos o empate de uma apreciável quantidade de folha de Flandres e os srs. industriais conhecedores das facilidades que tinham na sua aquisição deixaram cair quase a zero as suas existências normais de folha e de vazio.

Quando em Junho a pesca nalguns centros se mostrou com perspectivas de abundância, todos acorreram a fazer compras para refazer as existências esgotadas e até reservas apreciáveis.

Era, porém, tarde demais. A situação internacional tinha-se alterado e não havia facilidade de efectuar novas compras.

Houve que repartir, pela forma julgada mais justa, a folha existente, tendo em vista um conjunto de factores que tornaram difícil a operação.

Não obstante as estatísticas demonstrarem a existência de vazios e folha em prancha que no conjunto chegariam para que todos pudessem trabalhar normalmente, o certo é que a sua distribuição não podia fazer-se por a maior parte constituir existência e reserva de meia dúzia de industriais mais previdentes e com maior capacidade financeira.

A nova safra irá portanto iniciar-se sob a preocupação da falta de folha de Flandres, não obstante todas as deligências oficiais para a conseguir. Na melhor das hipóteses só em Junho ou Julho será provável conseguir-se alguma importação de vulto.

Os mercados, exceptuando o belga que fez compras bastante apreciáveis e o Norte Americano que esteve um pouco animado durante 3/4 meses,

continuaram a mostrar-se bastante fracos e incertos.

O francês cheio de peias e dificuldades não animava a tomar compromissos firmes que depois tinham de aguardar muitos meses os embarques e os pagamentos.

No alemão os contingentes eram constantemente alterados e a obtenção das licenças de importação por tal forma onerosa que não dava vantagens aos importadores.

O italiano com limitados contingentes estabelecidos pelo acordo de Fevereiro, só de quando em quando obtinha uma autorização extra e em condições desfavoráveis de câmbios.

Perante as dificuldades anotadas, a exportação de 1950 foi inferior à de 1949, tendo no entanto a produção sido superior. Deste facto resultou transitarem para 1951 maiores existências por vender.

Ao mesmo tempo que acompanhávamos com o maior cuidado a evolução da pesca e dos mercados, de forma a providenciar e em tempo oportuno ao abastecimento de molhos e de folha de Flandres, dentro das possibilidades existentes, não descurámos a parte social.

Neste capítulo, procurámos dar satisfação directa às mais instantes necessidades do operariado e em colaboração com a sub-delegação do Instituto Maternal em Faro, promovemos a criação e instalação do Centro Materno-Infantil em Olhão.

Tomámos a responsabilidade do pagamento da renda da casa durante um período bastante prolongado e adquirimos o mobiliário necessário à instalação.

Sentimos, porém, que contrariamente a todas as promessas, dificuldades burocráticas com a nomeação dos médicos tenham impedido até esta data a inauguração do referido Centro, cujo funcionamento se torna de uma necessidade premente, não obstante a instalação ter ficado pronta em Outubro, a partir de cuja data as rendas do edifício começaram a vencer-se e a pagar-se.

Tal situação, para não rememorar outras análogas ou piores, não nos animam a prosseguir em obras desta índole.

José Correia Pontes, L.^{da}

fabricantes de conservas de peixe
em azeite e em salmoira

Tele { gramas: Cerinhas — Olhão
tone: 17

Códigos | A. B. C. S.^o Ed.
| Bentley's
| Privés

Olhão - Portugal

Marcas: Prado, Faina, Farnel e Merenda

Conservas Prado, L.^{da}

FÁBRICA DE CONSERVAS DE PEIXE

Rua de Brito Capelo, 1165

Telefone. 327-M Telegramas: "PRADO" Apartado 27

M A T O S I N H O S

COZEDOR ESPECIAL PARA SARDINHAS DUBIX

Cozimento a sêco
da sardinha em gre-
lhas ou em latas

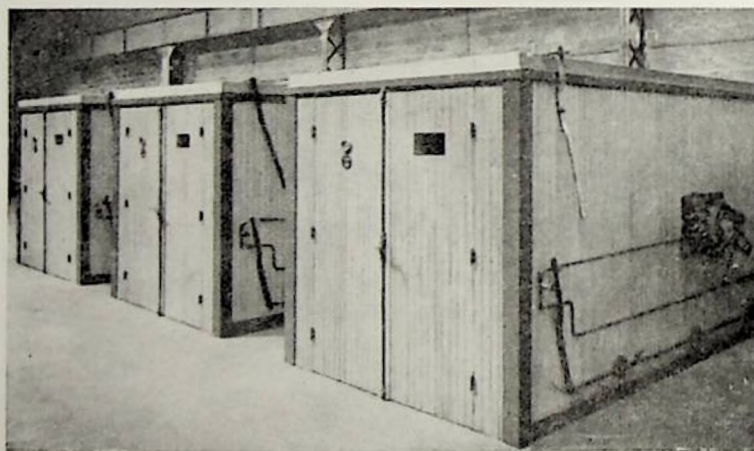
Grande rendimento

Funcionamento
simples

Fraco consumo
de vapor

Força motriz se-
gundo o tamanho

Comando directo



Novo patente para
o cozimento da sar-
dinha a sêco com
atomização
de azeite

Dois tipos:
de Carro e Continuo

Fornecem-se a pe-
dido todas as infor-
mações técnicas

Sistema F. BALÉS, «Le Tourbillon» fundado em 1913

Établissements **F. DUMOULIN**, constructor

41, Av. de Bonneuil, LA VARENNE (Seine)—Telefone: GRA 11-46

PATENTE FRANCESA N.º PU 592-544 — IMPÉRIO CHERIFIANO N.º 5606 — PORTUGAL: N.º 28404

MATÉRIAS PRIMAS



Escassez de folha na Noruega

A indústria de conserva de alimento enlatado tem grandes dificuldades em obter a folha que necessita para a sua produção, em virtude de que o governo norueguês acaba de estabelecer restrições no seu uso.

Segundo declaração do Ministério do Comércio, a Noruega necessita de cerca de 35.000 tons. de folha anualmente, das quais 18.000 tons. são destinadas à indústria de conserva de peixe.

São poucas as possibilidades de ser obtida a folha necessária para satisfazer as necessidades da indústria durante este ano, motivado pela sua escassez.

As restrições ultimamente introduzidas têm sobretudo por objectivo assegurar uma quantidade disponível de folha suficiente para a produção das conservas de peixe, cuja exportação é basilar para a economia norueguesa, tais como as de brisling, sild e arenque.

A exportação de folha na Alemanha

A Alemanha, pondo de parte a chapa preta que até há pouco empregava na fabricação das latas para conservas, voltou novamente a produzir folha de Flandres em quantidade crescente. A produção eleva-se actualmente a cerca de 12.000 tons. mensais. Os únicos fabricantes, por enquanto, são a Hüttenwerke Siegerland A. G., pertencente à união de fábricas de aço, nas suas instalações de Wissen (Sieg) e a Werk Raselstein, que pertence à firma Otto Wolff. A primeira destas fábricas tem o dobro da capacidade de produção da segunda. A exportação de folha atingiu no primeiro semestre de 1950 aproximadamente 20 a 25 % da produção, mas aumentou nos úl-

timos meses. Até 1949 a Alemanha não fez exportações de folha porque esta estava controlada pelo Governo Militar francês que só muito especialmente dava licenças e apenas para pequenas quantidades.

No primeiro trimestre de 1950 a exportação de folha foi somente de 4.421 tons., mas no segundo elevou-se para 11.230 tons. Em Julho foi de 5.146 tons. e em Agosto de 6.129 tons. As maiores quantidades seguiram para a China, Espanha, Hong Kong e Argentina.

Os preços da folha regem-se actualmente pelos do estanho que subiram extraordinariamente e oscilam, segundo as dimensões e o calibre, entre 230 e 265 dólares por tonelada fob, ou seja 24 e 26 dólares por caixa.

A produção de folha electrolítica não foi ainda recomeçada, mas consta que a fábrica Westfallenhütte, cuja capacidade mensal se calcula numas 500 tons., se prepara para iniciá-la.

Folha electrolítica

A Weirton Steel Company, um dos maiores produtores de folha na América, aperfeiçoou recentemente o processo de fabricação da folha electrolítica de que resulta uma economia de 25 a 50 % no consumo de estanho.

O processo consiste em cobrir a chapa de ferro de um lado com a camada de estanho necessária para proteger o conteúdo da lata e do outro lado apenas com a quantidade de estanho suficiente para defender o exterior da lata da corrosão. Este método é considerado muito interessante porque permite uma mais larga aplicação da folha electrolítica na indústria de alimentos enlatados. A folha electrolítica tem geralmente uma camada de estanho de $\frac{1}{2}$ libra

por caixa base (0,00003 polegadas de espessura de estanho em cada lado da folha) e o processo torna-se anti-económico, comparado com o da estanhagem a quente por imersão, se a espessura da camada de estanho é superior à mencionada acima, em virtude da lentidão a que neste caso a produção terá que ser feita.

Exportação de folha pela Inglaterra

O total da exportação de folha pela Inglaterra em 1950 foi de 247.430 tons.

Os principais países a que esta folha se destinou, foram a Austrália (65.153 tons.), a Argentina (32.518 tons.), a União Sul Africana (18.297 tons.) e a Nova Zelândia (16.688 tons.).

Portugal figura na estatística desta exportação como tendo recebido 182 tons.

Para a sua produção de folha a Inglaterra consumiu no ano passado 9.821 tons. de estanho.

Produção de folha nos E. U. A.

Segundo informa o American Iron and Steel Institute, a produção de folha na América do Norte em 1950, baseada nas entregas feitas pelas fábricas, foi de 4.243.006 tons. (cerca de 43 milhões de caixas), comparado com 3.297.163 tons., em 1949.

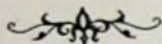
A produção de 1950 compreende 1.706.757 tons. de folha estanhada por imersão a quente e 2.536.249 tons. de folha electrolítica.

Produção de alumínio

Está em projecto uma nova fábrica de alumínio na Noruega Ocidental que quase duplicará a actual capacidade nacional de produção que passará a ser de 85.000 ton. anuais em vez de 45.000 como era anteriormente.

A Espanha, que produz cerca de 10.000 ton. deste metal, deve ter este número consideravelmente aumentado este ano, em virtude da fábrica «Enassa» de Valladolid ter elevado a sua produção de alumínio de 100 para 200 ton. diárias.

EMPRESA EXPORTADORA
LUSITANIA, L.^{DA}

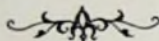


CONSERVAS DE PEIXE

*Sardinhas, Atum, Filetes
de Cavalas, Anchovas*

MARCA:

ODEON-TIVOLI
PACIFIC-SEABELLE



Telegrafo
LUSITANIA

Correspondência
APARTADO, 100

Telefone
272

S E T Ú B A L

ATA



SEVEN BRAND

SÃO CONSERVAS
DE CONFIANÇA

FABRICADAS POR

Manuel Pereira Junior

RUA BERNARDINO COSTA, 41 • LISBOA • PORTUGAL



Lopes da Cruz & C.^a, L.^{da}

Rua Brito e Cunha, N.º 513 a 541

MATOSINHOS — PORTUGAL



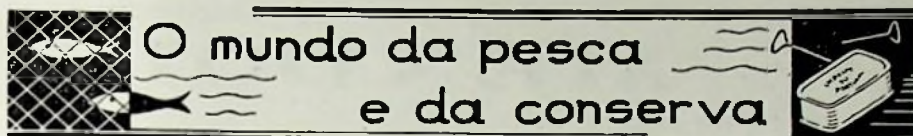
O LEÃO IMPÕE-SE PELA FORÇA...
COMO AS CONSERVAS
LOPES DA CRUZ & C.^a L.^{da}
PELA QUALIDADE

Com fábricas em:

Matosinhos

Vila do Conde





O mundo da pesca e da conserva

Produção de conservas de peixe nos E. U. A. em 1950

A produção de conserva de peixe mais espectacular no ano findo foi a do atum que atingiu 9.368.844 caixas de 48 latas cada caixa, estabelecendo um novo «record» que bate em mais de 2 milhões de caixas o do ano de 1949. A Califórnia só à sua parte fabricou 8.157.634 caixas e o restante, 1.211.210 caixas, cabe à zona do Pacífico noroeste e a Hawaii.

San Pedro e San Diego, na Califórnia, são os grandes produtores de atum, respectivamente com 4.156.523 caixas e 3.889.489 caixas.

Além da produção nacional entrou ainda no consumo uma importação de conservas de atum de cerca de 24 milhões de libras peso (mais de 1 milhão de caixas) na sua quase totalidade (21 milhões de libras) do Japão. Segundo a estatística americana, o nosso País figura com as seguintes quantidades, distribuídas pelo continente, ilhas e províncias ultramarinas: Portugal (Continental) 531.870 libras; Açores, 141.830 libras; Angola, 129.500 libras; África Ocidental Portuguesa, 27.300 e Madeira, 4.712 libras.

A importação do atum deve-se ainda juntar a das suas espécies similares, como o bonito, que foi de cerca de 500.000 caixas.

Calcula-se que foram consumidas nos E. U. A. em 1950 cerca de 9 milhões de caixas destas conservas de atum.

A média do preço do atum fresco foi de 300 dólares a tonelada. O preço da caixa de conserva variou entre 13 e 15 dólares.

Um outro «record» de produção foi também estabelecido pelas conservas de «pilchard» que atingiram 5.423.092 caixas, e este deveras extraordinário porque foi só quase obtido com a produção de San Pedro e San Diego (4.560.700 caixas), na Califórnia do Sul, pois que na zona Norte, San Francisco e Monte-

rey, a escassez da pesca continuou a fazer sentir-se e só se fabricaram 862.392 caixas.

O preço do «pilchard» para as fábricas manteve-se em cerca de 35 dólares a tonelada e o da conserva, latas ovais em tomate, entre 6,10 e 6,15 dólares a caixa.

Estas conservas são quase todas consumidas no mercado nacional, se bem que quantidades importantes sejam exportadas para as Filipinas, Singapura, Egipto, América do Sul, etc., sobretudo para o primeiro destes países que importa normalmente 1 milhão de caixas por ano.

A produção de conservas de cavala foi de 1.388.213 caixas, cabendo igualmente a San Pedro a maior quantidade, 1.056.791 caixas e a Monterey a restante, 331.422 caixas. Depois de 1935 e 1947 é o melhor ano de produção desta espécie nos últimos 25 anos.

O preço da cavala fornecida às fábricas foi de 40 dólares a tonelada. A caixa de conserva, latas cilíndricas, foi vendida entre 5 e 6 dólares.

Exportação de conservas norueguesas

Segundo números preliminares, a exportação de conservas de peixe durante 1950 foi de 35.534 tons. no valor de 129,7 milhões de coroas, ao passo que em 1949 os números correspondente foram respectivamente 29.355 tons. e 104 milhões de coroas.

Os principais produtos exportados, foram: pequeno sild, fumado e não fumado, 18.160 tons. (1949, 14.170 tons.); Brisling, 6.721 tons. (1949, 5.826 tons.); Kippers, 5.576 tons. (1949, 5.114 tons.).

A indústria pesqueira espanhola

A pesca é uma das indústrias de maior florescimento em Espanha, favorecida por um litoral externo que compreende além do continente, os arquipélagos Balear e Canárias e parte da costa africana. O Estado reconhece a sua grande importância

promulgando medidas com o objectivo de fomentar o seu desenvolvimento.

A frota pesqueira espanhola possui actualmente 40.700 barcos com uma tonelagem de 257.000 tons. que ocupam 204.000 homens.

Estes barcos compreendem 1.167 vapores com 81.510 tons.; 7.460 barcos a motor com 102.500 tons.; 9.750 veleiros com 27.880 tons. e 21.223 barcos a remo com 88.800 tons. além de outras embarcações de tipo diverso.

Pesca e conservas na Dinamarca

A Dinamarca, graças à extensão do seu litoral e à riqueza dos seus fiords e estreitos, tem-se dedicado desde tempos imemoriais à exploração da pesca. Uma população de cerca de 20.000 pescadores dedica-se a esta tarefa que na sua grande maioria trabalham de sua própria conta ou formam pequenas sociedades, de dois a cinco membros, que possuem em comum o barco e os apetrechos e dividem entre si o trabalho e os lucros.

O rendimento da pesca em 1949 foi de 232 mil toneladas no valor de 192 milhões de coroas, das quais 70 mil ton. foram absorvidas no mercado interno, o que corresponde a cerca de 16 quilos por habitante, 40 mil ton. utilizadas no fabrico de farinha e óleo de peixe e cerca de 120 mil ton. exportadas para 60 países.

A pesca do arenque que é uma das mais importantes efectua-se na parte meridional do Kattegat, nos Estreitos e no Báltico, e tem-se alargado desde 1947 ao Skargerrak e ao mar do Norte.

A partir de 1930 a indústria de conservas de peixe constituída principalmente pelos arenques, cavalas, camarão e lagostins tem-se desenvolvido rapidamente.

Actualmente existem na Dinamarca 33 fábricas de conservas de peixe em molhos, 55 fábricas de semi-conservas, 135 fábricas de salgas, 125 fábricas de fumagem e 80 fábricas para a preparação de filetes. A Dinamarca possui também 25 entrepostos frigoríficos.

ÓLEO DE MENDOBI

DA MARCA



Teleg. OFFROSA

Telefone P. P. C.
5 linhas-3 9571

MARVILA
LISBOA

Especial para CONSERVAS

Fabricantes: Sociedade Nacional de Sabões, Lda.

STEINHARDTER & NORDLINGER

Os Agentes mais antigos nos E. U. A. para as
CONSERVAS DE PEIXE PORTUGUESAS

ESTABELECIDOS EM 1908

Escritórios principais em

105, Hudson Street
New York City, N. Y.

112 Market Street
San Francisco, California

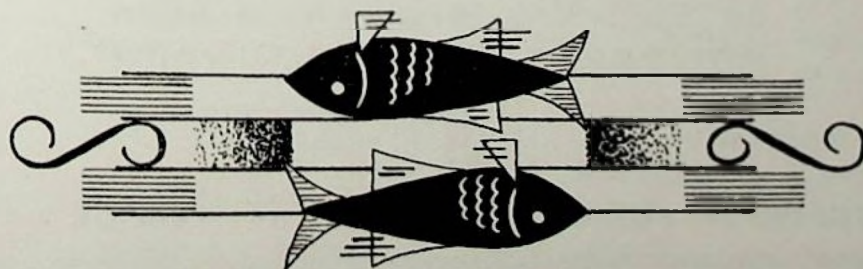


MARÇO DE 1951

Lotas	Destino	PESO			VALOR		
		Percent. %	Quilos	Total	Percent. %	Escudos	Totais
Peniche	consumo	-	9.740	9.740	-	51.347\$00	51.347\$00
Setúbal	consumo	-	151.206	151.206	-	654.822\$00	654.822\$00
Lagos	consumo	-	3.840	3.840	-	16.655\$00	16.655\$00
Portimão	consumo	-	18.660	18.660	-	98.743\$00	98.743\$00
Olhão	consumo	-	31.941	31.941	-	139.750\$00	139.750\$00
Vila R. S. António	consumo	-	4.600	4.600	-	18.420\$00	18.420\$00
				219.987			979.737\$00

ABRIL DE 1951

Lotas	Destino	PESO			VALORES		
		Percent. %	Quilos	Total	Percent. %	Escudos	Total
Matosinhos	consumo	-	270	270	-	1.786\$00	1.786\$00
Peniche	consumo	-	103.020	103.020	-	553.707\$30	553.707\$30
Lisboa	consumo	-	121.860	121.860	-	553.401\$00	553.401\$00
Setúbal	consumo	-	320.804	320.804	-	1.161.838\$00	1.161.838\$00
Lagos	consumo	-	75.180	75.180	-	336.610\$00	336.610\$00
Portimão	consumo	-	222.310	222.310	-	1.201.871\$00	1.201.871\$00
Olhão	consumo	-	27.282	27.282	-	142.915\$00	142.915\$00
V. R. Santo António	consumo	-	24.300	24.300	-	78.890\$00	78.890\$00
				805.026			4.031.018\$30





J. B. Cardoso, L^{da}

Calçada de Santo Amaro, 3 - LISBOA

OS MAIS ANTIGOS FABRICANTES EM PORTUGAL

DE

CHAVES — GRELHAS — PREGOS



AGENTES DEPOSITÁRIOS

MATOSINHOS

Afonso Barbosa & C.^a, L.^{da}
R. de Brito Capelo, 1023

SETÚBAL

Setúbal Factories Agency, L.^{da}
Av. Luiza Todí, 277

ALGARVE

Feliciano Anjos Pereira
OLHÃO

GRANADAISA FOODS, INC.

Sucessores de M. J. & H. J. Meyer Co., Inc.

Estabelecidos em 1890
New-York, N. Y. U. S. A



Unicos importadores da marca
GRANADAISA
em Conservas Portuguesas
de Sardinhas, Anchovas e Atum
em Azeite Puro de Oliveira



A MARCA PREFERIDA PELOS EPICURISTAS HÁ MAIS DE UMA GERAÇÃO

ESTABELECIDADA EM 1882

Strohmeyer & Arpe Company

I M P O R T A D O R E S
Distribuindo através de todos os
E S T A D O S U N I D O S

139-141 FRANKLIN STREET
N E W - Y O R K , N . Y .
Endereço telegráfico: «RYRABATE»

Adolf Dircks & Co.

A casa mais antiga e especializada na **ALEMANHA**



Em Conservas de Peixe Portuguesas

Estabelecida em 1888



Endereço: HAMBURGO 11, Neuer Wandröh 1

Endereço telegráfico: ALHAMBRA, Hamburgo

ACIL

Agência Comercial e Industrial, Lda.

IMPORT. — EXPORT.
COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

PRAÇA DA RIBEIRA NOVA, 6-2.º
LISBOA - PORTUGAL

TELEF. 27677 — TELIG. ACILDA

Importadores e Distribuidores de Matérias Primas para a Indústria de Conservas, Oleo de Mendobi e Azeite de Oliveira, Folha de Flandres, Inglesa e Americana, Arames, Arcos para Caixas, etc.

ARMAZÉNS EM:
MATOSINHOS-SETÚBAL
PORTIMÃO-OLHÃO

ENDEREÇO TELEGRÁFICO - «PORTNORCOM»

THE NORPORT COMPANY, INC.

99 HUDSON-STREET

NEW-YORK, 13 N. Y.

IMPORTADORES

DISTRIBUIDORES

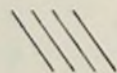


IMPORTADORES DE CONSERVAS DE PEIXE DE PORTUGAL E COLÓNIAS

Schroeder Bros Inc.

AGENTES DE FABRICANTES — DISTRIBUIDORES

Sardinhas — Atum — Filetes de Anchovas



Azeite de Oliveira — Frutos Secos — Especialidades

AGENTES EXCLUSIVOS NOS ESTADOS UNIDOS
DAS PRINCIPAIS CASAS EUROPEIAS DESDE 1913

10 Beach Street

End. teleg.: «Frades»

NEW-YORK, N. Y.



ORGANIZAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO DAS CONSERVAS DE PEIXE

Criada pelos decretos-leis N.º 26.775 26.776 e 26.777 de 10 de Julho de 1936

ORGANISMO DE COORDENAÇÃO ECONÓMICA

INSTITUTO PORTUGUÊS DE CONSERVAS DE PEIXE

(I. P. C. P.)

Director: C.ª Daniel Duarte Silva

Director adjunto: Eng.º António Pinheiro de Magalhães Júnior

Director adjunto: Dr. António Ladislau Durão Ferreira

Delegado do Governo junto dos Grémios: Dr. Pedro Chaves Ferreira

ORGANISMOS CORPORATIVOS

GRÉMIOS DOS INDUSTRIAIS

DO NORTE

Eurico Felgueiras

Pedro de Carvalho Marôcho

João Viariz Chaves de Abreu

Sub-delegado do Governo no Norte:

Cap. Rogério Correia Ferreira

De Sotavento do Algarve

José Amandio Guerreiro Correia

João de Brito Folque

Silvério Gonçalves Salas

Sub-delegado do Governo no Sul:

Dr. Fernando de Mendonça

DO CENTRO

Alfredo Augusto de Almeida

Manuel Pereira da Cruz

Filipe Nazareth Fernandes

DE SETÚBAL

Mário Ascensão Ledo

José Viegas Júnior

José Narciso Ferreira de Freitas

GRÉMIO DOS EXPORTADORES

Feliciano dos Anjos Pereira

Joachim Vinhas Cabrita

João Veiga Henriques

De Barlavento do Algarve

José Mendes Furtado

António da Silva Freitas

Manuel Gaspar Patrocínio



*As sardinhas por-
tuguesas de conserva
são deliciosas e cons-
tituem um poderoso
alimento.*

ETP

